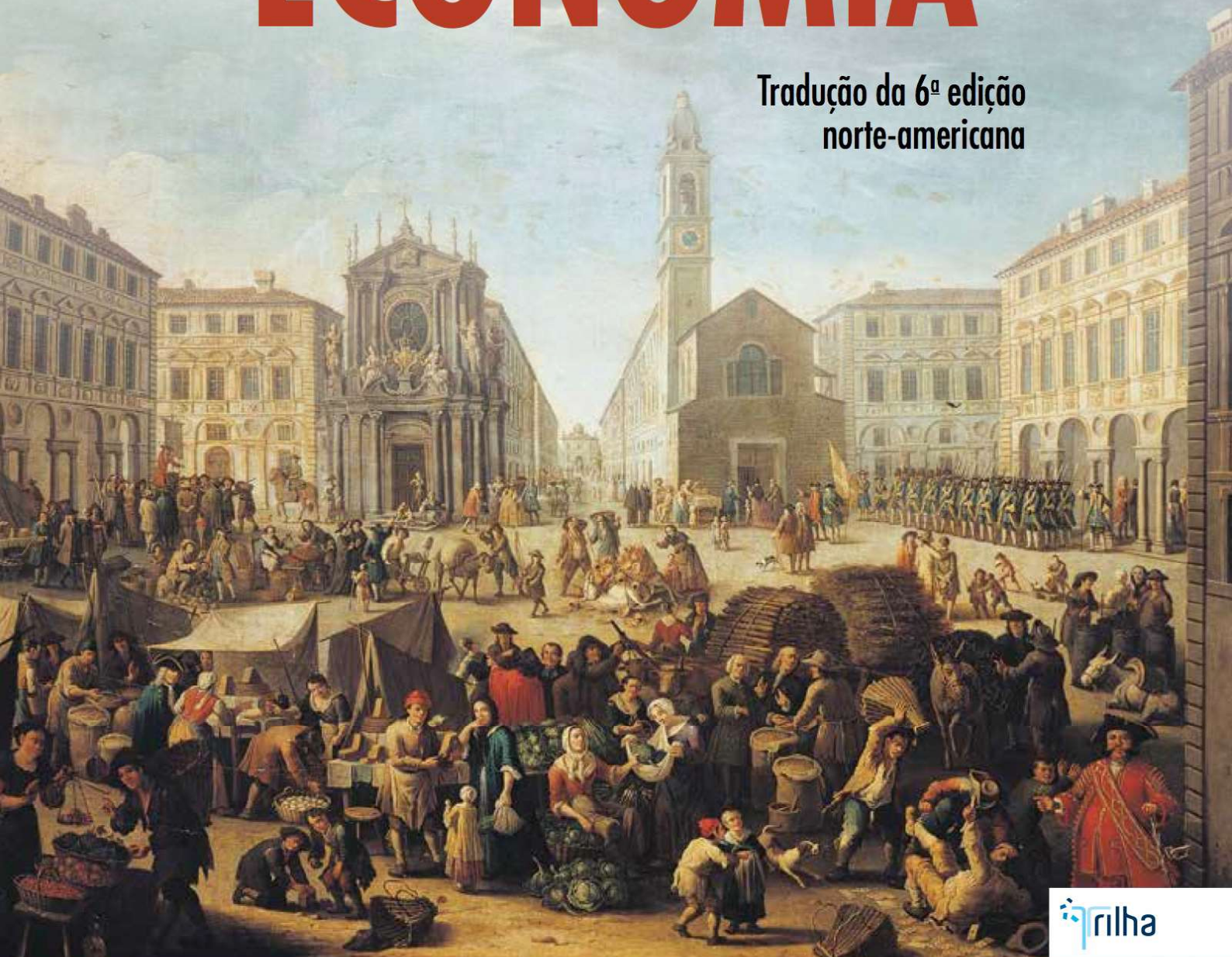


INTRODUÇÃO À **ECONOMIA**

Tradução da 6ª edição
norte-americana



 rilha

N. GREGORY
MANKIW

N. GREGORY
MANKIW

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

Tradução da 6ª edição norte-americana

O estudo de economia é um dos mais fascinantes e complexos de todas as ciências. Constitui-se, portanto, em estimulante desafio o domínio dos seus princípios fundamentais, conjugados com a necessidade do entendimento das inúmeras dificuldades com que a economia global vem se defrontando. Para melhor compreender o mundo e poder participar ativamente dele é preciso ter à mão um manual completo e atualizado. Esta obra, além dos ferramentais consagrados, dispõe também das mais recentes descobertas da economia e dos instrumentos de política econômica para utilizá-la.

Pensando nisso, N. G. Mankiw escreveu, em linguagem clara e amigável, *Introdução à economia*, levando em conta três razões principais que, segundo ele, o estudante tem para aprender economia: entender o mundo em que vive; ser um participante mais perspicaz da economia; e compreender melhor os potenciais e os limites da política econômica.

Para atingir esses objetivos, o autor, além de uma metodologia eficaz de ensino, empregou diversas ferramentas de aprendizagem efetiva que se repetem ao longo do livro, como Saiba mais sobre..., Estudos de caso, Notícias, Conceitos-chave, Testes rápidos, Resumos, Questões para revisão, Problemas e aplicações e Glossário. Para tanto, na 6ª edição do livro muitos conceitos novos foram introduzidos e outros tantos revistos e atualizados; proporcionando, assim, uma forma eficiente e integrada para a autoavaliação do domínio da matéria, além de tornar a aprendizagem mais atraente, rápida e eficaz.

Além disso, o autor, que é professor de economia da Harvard University, procedeu na obra a ampla exposição das causas e consequências da recessão de 2008-2009 e da crise financeira que a antecedeu. Descreve, também, nesse contexto, os novos instrumentos que vêm sendo utilizados para a eliminação do desemprego e a retomada do crescimento econômico sustentável – instrumentos cuja utilização perdura até hoje. Por tudo isso, a obra consagrada em todo o mundo como o mais completo e efetivo manual de introdução à economia deve continuar sendo o livro mais procurado e adquirido por estudantes, professores e outros interessados em economia.

Aplicações: Livro-texto destinado aos cursos de graduação em Economia e Administração, Ciências Contábeis e outros cursos que ministram a matéria, constituindo leitura fundamental para administradores, economistas e demais interessados em aprimorar e expandir o conhecimento na área.



Para suas soluções de curso e
aprendizado, visite www.cengage.com.br

ISBN 13 978-85-221-1273-9
ISBN 10 85-221-1273-8



9 788522 112739

INTRODUÇÃO À **ECONOMIA**

TRADUÇÃO DA 6ª EDIÇÃO NORTE-AMERICANA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mankiw, N. Gregory

Introdução à economia / N. Gregory Mankiw; tradução
Allan Vidigal Hastings, Elisete Paes e Lima, Ez2 Translate;
revisão técnica Manuel José Nunes Pinto. – São Paulo:
Cengage Learning, 2013.

Título original: Principles of economics

6. ed. norte-americana

ISBN 978-85-221-1 -

1. Economia I. Título.

13-02046

CDD-330

Índice para catálogo sistemático:

1. Economia 330

INTRODUÇÃO À ECONOMIA

TRADUÇÃO DA 6ª EDIÇÃO NORTE-AMERICANA

N. GREGORY MANKIW

Harvard University

Tradução:

Allan Vidigal Hastings

Elisete Paes e Lima

Ez2 Tanslate

Revisão Técnica:

Manuel José Nunes Pinto

Economista, com especialização em Finanças e Economia de Empresas,
é mestre em Administração. Ex-reitor do Centro Universitário da Fecap, atualmente é professor
de Economia e Finanças da graduação e pós-graduação da Faculdade de Economia da Faap.



**Introdução à economia – Tradução da 6ª edição
norte-americana
N. Gregory Mankiw**

Gerente Editorial: Patricia La Rosa

Supervisora Editorial: Noelm Brocanelli

Supervisora de Produção Editorial: Fabiana Alencar Albuquerque

Editor de Desenvolvimento: Fábio Gonçalves

Título original: Principles of Economics – 6th Edition

ISBN 13: 978-0-538-45342-4

ISBN 10: 0-538-45342-7

Tradução: Allan Vidigal Hastings, Elisete Paes e Lima e Ez2 Translate

Revisão Técnica: Carlos Roberto Martins Passos (*in memoriam*) (4ª ed.),
Manuel José Nunes Pinto

Copidesque: Carlos Villarruel

Revisão: Solange Aparecida Visconte, Olívia Zambone e
Luicy Caetano de Oliveira

Editora de direitos de aquisição e iconografia: Vivian Rosa

Analista de conteúdo e pesquisa: Milene Uara

Pesquisa iconográfica: Renate Hartfiel

Diagramação: Join Bureau

Capa: MSDE/Manu Santos Design

Imagem de capa e abertura de capítulos: Giovanni Michele
Granieri (1736-1778). *Turim, mercado na piazza San Carlo com as
igrejas gêmeas Santa Cristina e San Carlo ao fundo*. DEA/A.
De Gregorio/Getty Images.

© 2012, 2009 South-Western, parte da Cengage Learning

© 2014 Cengage Learning Edições Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a permissão, por escrito, da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos
102, 104, 106 e 107 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Esta editora empenhou-se em contatar os responsáveis pelos
direitos autorais de todas as imagens e de outros materiais
utilizados neste livro. Se porventura for constatada a omissão
involuntária na identificação de algum deles, dispomo-nos a
efetuar, futuramente, os possíveis acertos.

Para informações sobre nossos produtos, entre em
contato pelo telefone **0800 11 19 39**

Para permissão de uso de material desta obra, envie
seu pedido para **direitosautorais@cengage.com**

© 2014 Cengage Learning. Todos os direitos reservados.

ISBN 13: 978-85-221-1273-9

ISBN 10: 85-221-1273-8

Cengage Learning

Condomínio E-Business Park

Rua Werner Siemens, 111 – Prédio 20 – Espaço 4

Lapa de Baixo – CEP 05069-900 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3665-9900 – Fax: (11) 3665-9901

Sac: 0800 11 19 39

Para suas soluções de curso e aprendizado, visite

www.cengage.com.br

Impresso no Brasil.

Printed in Brazil.

1 2 3 4 5 6 7 16 15 14 13

*Para Catherine, Nicholas e Peter,
minhas outras contribuições para a próxima geração*

AS TRÊS VERSÕES DESTE LIVRO

Capítulos*	Introdução à economia	Princípios de microeconomia	Princípios de macroeconomia
1. Dez princípios de economia	X	X	X
2. Pensando como um economista	X	X	X
3. Interdependência e ganhos comerciais	X	X	X
4. As forças de mercado da oferta e da demanda	X	X	X
5. Elasticidade e sua aplicação	X	X	X
6. Oferta, demanda e políticas do governo	X	X	X
7. Consumidores, produtores e eficiência dos mercados	X	X	X
8. Aplicação: os custos da tributação	X	X	X
9. Aplicação: comércio internacional	X	X	X
10. Externalidades	X	X	
11. Bens públicos e recursos comuns	X	X	
12. A concepção do sistema tributário	X	X	
13. Os custos de produção	X	X	
14. Empresas em mercados competitivos	X	X	
15. Monopólio	X	X	
16. Competição monopolística	X	X	
17. Oligopólio	X	X	
18. Os mercados de fatores de produção	X	X	
19. Ganhos e discriminação	X	X	
20. Desigualdade de renda e pobreza	X	X	
21. A teoria da escolha do consumidor	X	X	
22. Fronteiras da microeconomia	X	X	
23. Medindo a renda nacional	X		X
24. Medindo o custo de vida	X		X
25. Produção e crescimento	X		X
26. Poupança, investimento e sistema financeiro	X		X
27. As ferramentas básicas das finanças	X		X
28. Desemprego	X		X
29. O sistema monetário	X		X
30. Crescimento da moeda e inflação	X		X
31. Macroeconomia das economias abertas: conceitos básicos	X		X
32. Teoria macroeconômica da economia aberta	X		X
33. Demanda agregada e oferta agregada	X		X
34. A influência das políticas monetária e fiscal sobre a demanda agregada	X		X
35. O <i>tradeoff</i> entre inflação e desemprego no curto prazo	X		X
36. Seis debates sobre a política macroeconômica	X		X

* Os números dos capítulos referem-se à obra completa, *Introdução à economia*.

SOBRE O AUTOR

N. Gregory Mankiw é professor de economia na Harvard University. Estudou Economia na Princeton University e no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Leciona Macroeconomia, Microeconomia, Estatística e Princípios de Economia. Há muito tempo, chegou a ser instrutor de iatismo em Long Beach Island.

Escritor prolífico, o professor Mankiw participa regularmente de debates acadêmicos e políticos. Tem trabalhos publicados em jornais especializados, como o *American Economic Review*, *Journal of Political Economy* e *Quarterly Journal of Economics*, além de outras publicações mais populares, como *The New York Times* e *The Wall Street Journal*. Também é autor do *best-seller Macroeconomia* (Worth Publishers), manual de nível intermediário. Além de lecionar, pesquisar e escrever, Mankiw é pesquisador associado do National Bureau of Economic Research, conselheiro do Federal Reserve Bank de Boston e do Congressional Budget Office, e membro do comitê de desenvolvimento de testes do Educational Testing Service (ETS), para o exame Advanced Placement em economia. Entre 2003 e 2005, foi presidente do Conselho de Assessores Econômicos da presidência do governo de George W. Bush.

Mankiw mora em Wellesley, Massachusetts, com a esposa, Deborah, três filhos, Catherine, Nicholas e Peter, e o cachorro Tobin, um *border terrier*.

PREFÁCIO PARA O ESTUDANTE

“Economia é o estudo da humanidade nos afazeres cotidianos.” Assim escreveu Alfred Marshall, o grande economista do século XIX, em seu livro *Princípios de economia*. Embora tenhamos aprendido muito sobre economia desde a época de Alfred Marshall, essa definição é tão verdadeira hoje quanto o foi em 1890, quando a primeira edição do livro foi publicada.

Por que você, como aluno de economia no início do século XXI, deve se envolver no estudo deste assunto? Existem três razões.

A primeira é que isso o ajudará a entender o mundo em que vive. Há muitas perguntas sobre economia que poderão aguçar sua curiosidade. Por que é tão difícil encontrar apartamentos em Nova York? Por que as companhias aéreas cobram menos por uma passagem de ida e volta se a pessoa passa a noite de sábado no destino? Por que o cachê de Johnny Depp é tão alto nos filmes em que atua? Por que o padrão de vida é tão baixo em muitos países africanos? Por que alguns países têm altas taxas de inflação, enquanto outros têm preços estáveis? Por que é fácil conseguir emprego em determinadas épocas e tão difícil em outras? Essas são apenas algumas das perguntas que um curso de economia ajuda a responder.

A segunda razão é que você pode se tornar um participante mais perspicaz na economia. Na vida diária, você toma muitas decisões econômicas. Como aluno, decide quantos anos permanecer na escola. Depois que consegue emprego, decide quanto gastar, quanto economizar e como investir sua poupança. Algum dia, você poderá dirigir um pequeno negócio ou uma grande empresa e terá de decidir que preços cobrar pelos produtos que oferece. As ideias desenvolvidas neste livro apresentam novas perspectivas sobre como tomar essas decisões. Você não ficará rico apenas com o estudo de economia, mas terá algumas ferramentas que poderão ajudá-lo nesse empreendimento.

A terceira razão é que o estudo de economia proporcionará melhor entendimento sobre o potencial e sobre os limites da política econômica. As questões econômicas estão sempre na mente dos formuladores de políticas em todas as esferas do governo: municipal, estadual e federal. Quais são os ônus associados a formas alternativas de tributação? Quais são os efeitos do livre comércio com outros países? Qual é a melhor forma de proteger o meio ambiente? De que forma o déficit orçamentário do governo afeta a economia? Como eleitor, você ajuda a escolher as políticas que orientam a alocação de recursos da sociedade. Entender economia ajuda a pôr em prática essa responsabilidade. Quem sabe um dia você mesmo poderá ser um formulador de políticas.

Portanto, os princípios de economia podem ser aplicados a muitas situações da vida. Se, no futuro, você estiver lendo um jornal, gerindo um negócio ou dirigindo o país, ficará satisfeito por ter estudado economia.

N. Gregory Mankiw
Dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Ao escrever este livro, tive a colaboração de muitas pessoas talentosas. Na verdade, a lista dos que contribuíram para este projeto é tão longa, e suas contribuições tão valiosas, que não é justo apenas um nome na capa.

Vou começar pelos colegas de profissão. A colaboração deles trouxe enormes benefícios às seis edições anteriores deste livro. Nas revisões e pesquisas, eles apresentaram sugestões, identificaram desafios e compartilharam ideias da própria experiência de sala de aula. Devo muito a eles pelas perspectivas que trouxeram ao texto. Infelizmente, a lista se tornou longa demais para agradecer aos que contribuíram com as edições anteriores, embora os estudantes, ao lerem esta edição, ainda se beneficiem com seus *insights*.

Ron Cronovich (Carthage College) e David Hakes (University of Northern Iowa) foram muito importantes nesse processo. Ron e David, professores dedicados, têm sido companheiros sinceros, além de parceiros incansáveis para organizar a imensa quantidade de suplementos.

Nesta nova edição, os seguintes revisores registraram sua experiência, cotidianamente, durante um semestre, apresentando sugestões detalhadas para melhorar o texto: Mark Abajian, *San Diego Mesa College*; Jennifer Bailly, *Long Beach City College*; J. Ulyses Balderas, *Sam Houston State University*; Antonio Bos, *Tusculum College*; Greg Brock, *Georgia Southern University*; Donna Bueckman, *University of Tennessee Knoxville*; Rita Callahan, *Keiser University*; Tina Collins, *San Joaquin Valley College*; Bob Holland, *Purdue University*; Tom Holmes, *University of Minnesota*; Simran Kahai, *John Carroll University*; Miles Kimball, *University of Michigan*; Jason C. Rudbeck, *University of Georgia*; Kent Zirlott, *University of Alabama Tuscaloosa*.

Os revisores da quinta edição que ofereceram sugestões para refinar o conteúdo, a organização e a abordagem desta edição são: Mark Abajian, *San Diego Mesa College*; Hamid Bastin, *Shippensburg University*; Laura Jean Bhadra, *Northern Virginia Community College*; Benjamin Blair, *Mississippi State University*; Lane Boyte, *Troy University*; Greg Brock, *Georgia Southern University*; Andrew Cassey, *Washington State University*; Joni Charles, *Texas State University – San Marcos*; Daren Conrad, *Bowie State University*; Diane de Freitas, *Fresno City College*; Veronika Dolar, *Cleveland State University*; Justin Dubas, *Texas Lutheran University*; Robert L. Holland, *Purdue University*; Andres Jauregui, *Columbus State University*; Miles Kimball, *University of Michigan*; Andrew Kohen, *James Madison University*; Daniel Lee, *Shippensburg University*; David Lindauer, *Wellesley College*; Joshua Long, *Ivy Tech Community College*; James Makokha, *Collin College*; Jim McAndrew, *Luzerne County Community College*; William Mertens, *University of Colorado*; Cindy Munson, *Western Technical College*; David Mushinski, *Colorado State University*; Fola Odebunmi, *Cypress College*; Jeff Rubin, *Rutgers University, New Brunswick*; Lynda Rush, *California State Polytechnic University Pomona*; Naveen Sarna, *Northern Virginia Community College*; Jesse Schwartz, *Kennesaw State University*; Mark Showalter, *Brigham Young University*;

Michael Tasto, *Southern New Hampshire University*.

Recebi avaliações detalhadas sobre elementos específicos do livro, incluindo todos os problemas e as aplicações que aparecem no fim de cada capítulo dos seguintes professores: Mark Abajian, *San Diego Mesa College*; Afolabi Adebayo, *University of New Hampshire*; Mehdi Afiat, *College of Southern Nevada*; Douglas Agbetsiafa, *Indiana University South Bend*; Richard Agnello, *University of Delaware*; Henry Akian, *Gibbs College*; Constantine Alexandrakis, *Hofstra University*; Michelle Amaral, *University of the Pacific*; Shahina Amin, *University of Northern Iowa*; Larry Angel, *South Seattle Community College*; Kathleen Arano, *Fort Hays State University*; J. J. Arias, *Georgia College & State University*; Nestor Azcona, *Babson College*; Steve Balassi, *St. Mary's College/Napa Valley College*; Juventino Ulyses Balderas, *Sam Houston State University*; Tannista Banerjee, *Purdue University*; Jason Barr, *Rutgers University, Newark*; Alan Barreca, *Tulane Univer-*

sity; Hamid Bastin, *Shippensburg University*; Tammy Batson, *Northern Illinois University/Rock Valley College*; Carl Bauer, *Oakton Community College*; Klaus Becker, *Texas Tech University*; Robert Beekman, *University of Tampa*; Christian Beer, *Cape Fear Community College*; Gary Bennett, *State University of New York Fredonia*; Bettina Berch, *Borough of Manhattan Community College*; Thomas M. Beveridge, *Durham Technical Community College*; Abhijeet Bhattacharya, *Illinois Valley Community College*; Prasad Bidarkota, *Florida International University*; Jekab Bikis, *Dallas Baptist University*; Michael Bognanno, *Temple University*; Cecil Bohanon, *Ball State University*; Natalia Boliari, *Manhattan College*; Melanie Boyte, *Troy University*; Charles Braymen, *Kansas State*; William Brennan, *Minnesota State University at Mankato*; Greg Brock, *Georgia Southern University*; Ken Brown, *University of Northern Iowa*; Laura Bucila, *Texas Christian University*; Stan Buck, *Huntington University*; Donna Bueckman, *University of Tennessee Knoxville*; Joe Bunting, *St. Andrews Presbyterian College*; Rita Callahan, *Keiser University*; Michael G. Carew, *Baruch College*; John Carter, *Modesto Junior College*; Kalyan Chakraborty, *Emporia State University*; Henry Check, *Penn State University*; Xudong Chen, *Baldwin-Wallace College*; Clifton M. Chow, *Mass Bay Community College*; Tina Collins, *San Joaquin Valley College*; Valerie Collins, *Sheridan College*; Sarah Cosgrove, *University of Massachusetts Dartmouth*; Dana Costea, *Indiana University South Bend*; Maria DaCosta, *University of Wisconsin Eau Claire*; Mian Dai, *Drexel University*; Joel Dalafave, *Bucks County Community College*; Maylene Damoense, *Monash University South Africa*; Lorie Darche, *Southwest Florida College*; Diane de Freitas, *Fresno City College*; Ejigou Demissie, *University of Maryland Eastern Shore*; Richard DePolt, *Guilford Technical Community College*; Aaron Dighton, *University of Minnesota*; Veronika Dolar, *Cleveland State University*; Fisher Donna, *Georgia Southern University*; Harold Elder, *University of Alabama*; Jamie Emerson, *Salisbury University*; Elena Ermolenko, *Oakton Community College*; Pat Euzent, *University of Central Florida*; Yan Feng, *Hunter College, Queens College, CUNY*; Donna K. Fisher, *Georgia Southern University*; Paul Fisher, *Henry Ford Community College*; Fred Foldvary, *Santa Clara University*; Nikki Follis, *Chadron State College*; Kent Ford, *State University of New York/Onondaga Community College*; Ryan Ford, *Pasadena City College*; Timothy Ford, *California State University Sacramento*; Johanna Francis, *Fordham University*; Robert Francis, *Shoreline Community College*; Mark Frascatore, *Clarkson University*; David Furst, *University of South Florida*; Monica Galizzi, *University of Massachusetts Lowell*; Jean-Philippe Gervais, *North Carolina State University*; Dipak Ghosh, *Emporia State University*; Bill Goffe, *State University of New York Oswego*; Ryan Gorka, *University of Nebraska Lincoln*; Marshall Gramm, *Rhodes College*; Elias C. Grivoyannis, *Yeshiva University*; Eleanor Gubins, *Rosemont College*; Darrin Gulla, *University of Kentucky*; Karen Gulliver, *Argosy University*; Ranganai Gwati, *University of Washington Seattle*; Mike Hauptert, *University of Wisconsin La Crosse*; L. Jay Helms, *University of California Davis*; Dr. David Hennessy, *University of Dubuque*; Curry Hilton, *Guilford Technical Community College*; George Hoffer, *Virginia Commonwealth University*; Mark Holmes, *University of Waikato*; Carl Hooker, *Community College of Vermont*; Daniel Horton, *Cleveland State University*; Scott Houser, *Colorado School of the Mines*; Fanchang Huang, *Washington University in St Louis*; Gregory Hunter, *California State Polytechnic University Pomona*; Christopher Hyer, *University of New Mexico*; Leke Ijiyode, *St. Mary's University of Minnesota*; Chris Inama, *Golden Gate University*; Sarbaum Jeff, *University of North Carolina Greensboro*; Chad Jennings, *Tennessee Temple University*; Philipp Jonas, *Kalamazoo Valley Community College*; Robert Jones, *Rensselaer Polytechnic Institute*; Prathibha Joshi, *Gordon College*; James Jozefowicz, *Indiana University of Pennsylvania*; Mahbubul Kabir, *Lyon College*; Simran Kahai, *John Carroll University*; David Kalist, *Shippensburg University*; Camilla Kazimi, *St. Mary's College*; Chris Kelton, *Naval Postgraduate School*; Brian Kench, *University of Tampa*; Hyeongwoo Kim, *Auburn University*; Miles Kimball, *University of Michigan*; Alfreda L. King, *Lawson State Community College*; Elizabeth Knowles, *University of Wisconsin La Crosse*; Fred Kolb, *University of Wisconsin Eau Claire*; Risa Kumazawa, *Duquesne University*; Sumner La Croix, *University of Hawaii*; Christopher Laincz, *Drexel University*; Ghislaine Lang, *San Jose State University*; Carolyn Langston, *South Arkansas Community College*; Richard Le, *Cosumnes River College*; Daniel Lee, *Shippensburg University*; Tom Lehman, *Indiana Wesleyan University*; Megan Leonard, *Hendrix College*; Larry Lichtenstein, *Canisius College*; Tad Lincoln, *Middlesex Community College*; David Linthicum, *Cecil College North East*; Sam Liu, *West Valley College*; Melody Lo, *University of Texas at San Antonio*; Volodymyr

Logovskyy, *Georgia Institute of Technology*; Min Lu, *Robert Morris University*; Gennady Lyakir, *Champlain College*; Bruce Madariaga, *Montgomery Community College*; Brinda Mahalingam, *University of California Riverside*; Rubana Mahjabeen, *Truman State University*; Bahman Maneshni, *Paradise Valley Community College*; Denton Marks, *University of Wisconsin-Whitewater*; Timothy Mathews, *Kennesaw State University*; Frances Mc Donald, *Northern Virginia Community College*; Edward McGrath, *Holyoke Community College*; Shirley Ann Merchant, *George Washington University*; William Mertens, *University of Colorado*; Mitch Mitchell, *Bladen Community College*; Mitch Mitchell, *North Carolina Wesleyan*; Mike Mogavero, *University of Notre Dame*; Prof. Ramesh Mohan, *Bryant University*; Daniel Monchuk, *University of Southern Mississippi*; Vasudeva Murthy, *Creighton University*; David Mushinsk, *Colorado State University*; Paula Nas, *University of Michigan Flint*; Russ Neal, *Collin County Community College*; Megumi Nishimura, *University of Colorado*; Peter Olson, *Indiana University*; Esen Onur, *California State University Sacramento*; Stephen Onyeiwu, *Allegheny College*; Margaret Oppenheimer, *DePaul University*; Glenda Orosco, *Oklahoma State University Institute of Technology*; David Ortmeier, *Bentley University*; Thomas Owen, *College of the Redwoods*; Jan Palmer, *Ohio University*; Amar Parai, *State University of New York at Fredonia*; Nitin Paranjpe, *Wayne State and Oakland University*; Carl Parker, *Fort Hays State University*; Michael Petrack, *Oakland Community College*; Gyan Pradhan, *Eastern Kentucky University*; Michael Pries, *University of Notre Dame*; Joe Quinn, *Boston College*; Mahesh Ramachandran, *Clark University*; Ratha Ramoo, *Diablo Valley College*; Surekha Rao, *Indiana University Northwest*; Ryan Ratcliff, *University of San Diego*; Scott Redenius, *Brandeis University*; Susan Reilly, *Florida State College at Jacksonville*; Imke Reimers, *University of Minnesota*; Christopher Richardson, *Merrillville High School*; Art Riegal, *State University of New York Sullivan*; Richard Risinit, *Middlesex Community College*; Michael Rogers, *Albany State University*; Paul Roscelli, *Canada College*; Larry Ross, *University of Alaska Anchorage*; Jeff Rubin, *Rutgers University*; Allen Sanderson, *University of Chicago*; Jeff Sarbaum, *University of North Carolina Greensboro*; Dennis Shannon, *Southwestern Illinois College*; Xuguang Sheng, *State University of New York at Fredonia*; Mark Showalter, *Brigham Young University*; Johnny Shull, *Central Carolina Community College*; Suann Shumaker, *Las Positas Community College*; Jonathan Silberman, *Oakland University*; Steven Skinner, *Western Connecticut State University*; Catherine Skura, *Sandhills Community College*; Gary Smith, *D'Youville College*; Warren Smith, *Keiser University*; William Snyder, *Peru State College*; Ken Somppi, *Southern Union State Community College*; Dale Steinreich, *Drury University*; Liliana Stern, *Auburn University*; Derek Stimel, *Menlo College*; Carolyn Fabian Stumph, *Indiana University Purdue University Fort Wayne*; Bryce Sutton, *University of Alabama at Birmingham*; Justin Tapp, *Southwest Baptist University*; Dosse Toulaboe, *Fort Hays State University*;

Richard Trainer, *State University of New York at Nassau*; Ngoc Bich Tran, *San Jacinto College*; Sandra Trejos, *Clarion University of Pennsylvania*; Julie Trivitt, *Arkansas Tech University*; Arja Turunen-Red, *University of New Orleans*; Diane Tyndall, *Craven Community College*; Kay Unger, *University of Montana*; Lee J. Van Scyoc, *University of Wisconsin Oshkosh*; Lisa Verissimo-Bates, *Foothill College*; Priti Verma, *Texas A&M University, Kingsville*; Patrick Walsh, *St. Michael's College*; Jing Wang, *Northeastern University*; Donald Waters, *Braynt and Stratton College, Virginia Beach, Virginia Campus*; Patrick Welle, *Bemidji State University*; Elizabeth Wheaton, *Southern Methodist University*; Luther White, *Central Carolina Community College*; Oxana Wieland, *University of Minnesota Crookston*; John Winters, *Auburn University at Montgomery*; Suzanne Wisniewski, *University of St. Thomas*; Patricia Wiswell, *Columbia-Greene Community College*; Mark Witte, *College of Charleston*; Louis A. Woods, *University of North Florida*; Guy Yamashiro, *California State University Long Beach*; Benhua Yang, *Stetson University*; Leslie Young, *Kilian Community College*; Karen Zempel, *Bryant and Stratton College*.

A equipe de editores que trabalhou neste livro aperfeiçoou-o tremendamente. Jane Tufts, editora de desenvolvimento, fez uma edição espetacular, como sempre. Mike Worls, editor econômico executivo, realizou um trabalho esplêndido ao supervisionar as muitas pessoas envolvidas em um projeto tão grande. Jennifer Thomas (editora de desenvolvimento sênior) e Katie Yanos (editora de desenvolvimento) foram fundamentais para reunir um amplo grupo de excelentes revisores que me forneceram *feedback* da edição anterior, enquanto organizavam um outro grupo para revisar os suplementos. Coleen Farmer, gerente sênior

de projetos de conteúdo, e Katherine Wilson, gerente sênior de projetos, tiveram a paciência e a dedicação necessárias para transformar meu manuscrito nesta obra. Michelle Kunkler, diretora de arte sênior, deu ao livro uma aparência limpa e agradável. Larry Moore, o ilustrador, ajudou a deixar o visual mais atraente e a economia menos abstrata. Sheryl Nelson, coeditora de texto, refinou minha prosa, e Cindy Kerr, indexadora, preparou um índice cuidadoso e completo. John Carey, gerente executivo de marketing, trabalhou longas horas na divulgação para leitores potenciais do livro. Allyn Bismeyer, Darrell Frye, Sarah Greber, Betty Jung, Deepak Kumar, Kim Kusnerak, Sharon Morgan, Suellen Ruttkay e Joe Sabatino também foram consistentemente profissionais, entusiastas e dedicados.

Sou grato também a Stacy Carlson e Norris Daniel, duas estrelas da graduação em Harvard, que me ajudaram a refinar o manuscrito e verificar as provas de página para esta edição. Agradeço também a Josh Bookin, antigo professor de Economia de Advanced Placement e recentemente um extraordinário líder do Ec 10, o curso introdutório em Harvard, sobre a inestimável recomendação a respeito de parte do novo material desta edição.

Como sempre, preciso agradecer à minha editora “particular”, Deborah Mankiw. Como primeira leitora de quase tudo o que escrevo, ela continua a oferecer a dose certa de críticas e incentivos.

Finalmente, gostaria de mencionar meus três filhos, Catherine, Nicholas e Peter. Sua contribuição foi aguentar um pai que passou muitas horas pesquisando. Nós quatro temos muito em comum – adoramos sorvete (preferência que aparece no Capítulo 4). Talvez algum dia um deles me acompanhe também na paixão pela economia.

N. Gregory Mankiw
Dezembro de 2010

SUMÁRIO

PARTE I INTRODUÇÃO 1

Capítulo 1

Dez princípios de economia 3

Como as pessoas tomam decisões 4

- Princípio 1: As pessoas enfrentam *tradeoffs* 4
- Princípio 2: O custo de alguma coisa é aquilo de que você desiste para obtê-la 5
- Princípio 3: As pessoas racionais pensam na margem 6
- Princípio 4: As pessoas reagem a incentivos 7

Estudo de caso: Os efeitos do incentivo dos preços da gasolina 8

Notícias: Incentivo no pagamento 9

Como as pessoas interagem 10

- Princípio 5: O comércio pode ser bom para todos 10
- Princípio 6: Os mercados são geralmente uma boa maneira de organizar a atividade econômica 10
- Princípio 7: Às vezes os governos podem melhorar os resultados dos mercados 11

Saiba mais sobre: Adam Smith e a mão invisível 12

Como a economia funciona 13

- Princípio 8: O padrão de vida de um país depende de sua capacidade de produzir bens e serviços 13

Notícias: Por que estudar economia 14

- Princípio 9: Os preços sobem quando o governo emite moeda demais 15

- Princípio 10: A sociedade enfrenta um *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego 15

Saiba mais sobre: Como ler este livro 16

Conclusão 17

Capítulo 2

Pensando como um economista 21

O economista como cientista 22

- O método científico: observação, teoria e mais observação 22
- O papel das hipóteses 23
- Modelos econômicos 23
- Nosso primeiro modelo: o diagrama de fluxo circular 24
- Nosso segundo modelo: a fronteira de possibilidades de produção 25
- Microeconomia e macroeconomia 28

O economista como conselheiro de políticas 28

- Saiba mais sobre:** Quem estuda economia? 29
- Análise positiva *versus* análise normativa 29
- Economistas em Washington 30
- Notícias:** A economia do presidente Obama 31
- Por que nem sempre os conselhos dos economistas são seguidos 32

Por que os economistas divergem 32

- Divergências quanto ao julgamento científico 33
- Divergências quanto a valores 33
- Percepção e realidade 33
- Notícias:** Economia ambiental 35

Vamos em frente 36

Apêndice

Gráficos: uma breve revisão 39

- Gráficos de uma só variável 39
- Gráficos de duas variáveis: o sistema de coordenadas 40
- Curvas no sistema de coordenadas 41
- Inclinação 43
- Causa e efeito 44

Capítulo 3

Interdependência e ganhos comerciais 47

Uma parábola para a economia moderna 48

Possibilidades de produção 48

Especialização e comércio 51

Vantagem comparativa: a força motriz da especialização 51

Vantagem absoluta 52

Custo de oportunidade e vantagem comparativa 52

Vantagem comparativa e comércio 53

O preço do comércio 53

Saiba mais sobre: O legado de Adam Smith e David Ricardo 54

Aplicações da vantagem comparativa 55

Tom Brady deve cortar seu próprio gramado? 55

Os Estados Unidos devem comerciar com outros países? 55

Notícias: As mudanças no comércio internacional 56

Conclusão 57

PARTE II

COMO FUNCIONAM OS MERCADOS 61

Capítulo 4

As forças de mercado da oferta e da demanda 63

Mercados e competição 64

O que é mercado? 64

O que é competição? 64

Demanda 65

A curva da demanda: a relação entre preço e quantidade demandada 65

Demanda de mercado *versus* demanda individual 66

Deslocamentos da curva de demanda 67

Estudo de caso: Duas maneiras de reduzir a quantidade demandada de tabaco 69

Oferta 71

A curva de oferta: a relação entre preço e quantidade ofertada 71

Oferta de mercado *versus* oferta individual 71

Deslocamentos da curva de oferta 72

Oferta e demanda reunidas 74

Equilíbrio 74

Três passos para analisar mudanças do equilíbrio 76

Notícias: Preços aumentam após desastres 80

Conclusão: Como os preços alocam recursos 81

Capítulo 5

Elasticidade e sua aplicação 87

A elasticidade da demanda 88

A elasticidade-preço da demanda e seus determinantes 88

Cálculo da elasticidade-preço da demanda 89

O método do ponto médio: uma maneira melhor de calcular variações percentuais e elasticidades 89

A variedade das curvas de demanda 90

Saiba mais sobre: Algumas elasticidades do mundo real 92

Receita total e elasticidade-preço da demanda 92

Elasticidade e receita total ao longo de uma curva de demanda linear 94

Outras elasticidades da demanda 95

A elasticidade da oferta 96

A elasticidade-preço da oferta e seus determinantes 96

Cálculo da elasticidade-preço da oferta 96

A variedade das curvas de oferta 97

Três aplicações da oferta, demanda e elasticidade 99

Boas notícias para a agricultura podem ser más notícias para os agricultores? 99

Por que a Opep não conseguiu manter elevado o preço do petróleo? 101

A política de proibição das drogas aumenta ou diminui os crimes relacionados a elas? 102

Conclusão 104

Capítulo 6

Oferta, demanda e políticas do governo 107

Controle de preços 108

Como os preços máximos afetam os resultados do mercado 108

- Estudo de caso:** Filas nas bombas de gasolina 110
- Estudo de caso:** Controle de aluguéis no curto e no longo prazo 111
- Como os preços mínimos afetam os resultados de mercado 112
- Estudo de caso:** O salário mínimo 114
- Avaliação do controle de preços 116
- Notícias:** Estágios não remunerados deveriam ser permitidos? 116

Impostos 117

- Como os impostos cobrados dos vendedores afetam os resultados de mercado 117
- Como os impostos cobrados dos compradores afetam os resultados de mercado 119
- Estudo de caso:** O Congresso pode distribuir o ônus de um imposto sobre a folha de pagamento? 120
- Elasticidade e incidência tributária 121
- Estudo de caso:** Quem paga os impostos sobre os bens de luxo? 123

Conclusão 123

PARTE III

MERCADOS E BEM-ESTAR 127

Capítulo 7

Consumidores, produtores e eficiência dos mercados 129

Excedente do consumidor 130

- Disposição para pagar 130
- Usando a curva de demanda para medir o excedente do consumidor 131
- Como um preço baixo eleva o excedente do consumidor 132
- O que o excedente do consumidor mede? 134

Excedente do produtor 134

- Custo e disposição para vender 134
- Uso da curva de oferta para medir o excedente do produtor 135
- Como um preço mais alto aumenta o excedente do produtor 137

Eficiência de mercado 138

- O planejador social benevolente 138

- Avaliação do equilíbrio de mercado 140

- Estudo de caso:** Deveria haver um mercado de órgãos humanos? 141

- Notícias:** Especulação de ingressos 142

Conclusão: Eficiência e falha de mercado 143

Capítulo 8

Aplicação: os custos da tributação 147

O peso morto dos impostos 148

- Como um imposto afeta os participantes do mercado 148
- Peso morto e ganhos comerciais 151

Determinantes do peso morto 152

- Estudo de caso:** O debate sobre o peso morto 152

O peso morto e a receita fiscal conforme os impostos variam 155

- Estudo de caso:** A curva de Laffer e a economia do lado da oferta 156
- Notícias:** Nova pesquisa sobre tributação 157

Conclusão 158

Capítulo 9

Aplicação: comércio internacional 161

Os determinantes do comércio 162

- O equilíbrio sem comércio 162
- Preço mundial e vantagem comparativa 163

Os ganhadores e perdedores no comércio internacional 163

- Ganhos e perdas de um país exportador 164
- Ganhos e perdas de um país importador 165
- Os efeitos de uma tarifa 167
- Saiba mais sobre:** Cotas de importação: outro modo de restringir o comércio 169
- Lições para a política comercial 169
- Outros benefícios do comércio internacional 170
- Notícias:** Conflitos comerciais 171

Os argumentos em favor da restrição ao comércio 171

- Notícias:** Os ganhadores do livre comércio devem compensar os perdedores? 172
- O argumento dos empregos 173

- O argumento da segurança nacional 173
- O argumento da indústria nascente 173
- Notícias:** Reflexão sobre o livre comércio 174
- O argumento da competição desleal 175
- O argumento da proteção como instrumento de barganha 176
- Estudo de caso:** Acordos comerciais e a Organização Mundial do Comércio 176

Conclusão 177

PARTE IV

A ECONOMIA DO SETOR PÚBLICO 181

Capítulo 10

Externalidades 183

Externalidades e ineficiência do mercado 185

- Economia do bem-estar: recapitulação 185
- Externalidades negativas 185
- Externalidades positivas 187

Notícias: As externalidades da vida no campo 188

Estudo de caso: Transbordamentos tecnológicos, política industrial e proteção de patentes 189

Políticas públicas para as externalidades 190

- Políticas de comando e controle: regulamentação 190
- Política baseada no mercado 1: impostos corretivos e subsídios 190
- Estudo de caso:** Por que a gasolina é tributada tão pesadamente? 191
- Política baseada no mercado 2: licenças de poluição negociáveis 192
- Notícias:** Restrição e comércio 194
- Objeções à análise econômica da poluição 195

Soluções privadas para as externalidades 196

- Tipos de solução privada 196
- O teorema de Coase 197
- Por que as soluções privadas nem sempre funcionam 198

Conclusão 198

Capítulo 11

Bens públicos e recursos comuns 203

Os diferentes tipos de bens 204

Bens públicos 206

- O problema dos caronas 206
- Alguns bens públicos importantes 206
- Estudo de caso:** Os faróis são bens públicos? 208
- A difícil tarefa da análise de custo-benefício 208
- Estudo de caso:** Quanto vale uma vida? 209

Recursos comuns 210

- A Tragédia dos comuns 210
- Alguns recursos comuns importantes 211
- Notícias:** Em defesa dos pedágios nas rodovias 212
- Estudo de caso:** Por que a vaca não está extinta 214

Conclusão: A importância dos direitos de propriedade 214

Capítulo 12

A concepção do sistema tributário 219

Um panorama financeiro do governo norte-americano 220

- O governo federal 221
- Estudo de caso:** O desafio fiscal do futuro 224
- Os governos estaduais e municipais 226

Impostos e eficiência 227

- O peso morto 228
- Estudo de caso:** Devemos taxar a renda ou o consumo? 228
- Notícias:** A eliminação temporária do imposto sobre heranças 229
- Ônus administrativo 230
- Alíquotas marginal e média 231
- Tributação por montante único 231

Impostos e equidade 232

- O princípio dos benefícios 232
- O princípio da capacidade de pagamento 233
- Estudo de caso:** Como é distribuída a carga tributária 233
- Incidência tributária e equidade tributária 235

Estudo de caso: Quem paga o imposto de renda das pessoas jurídicas? 235

Notícias: O imposto sobre o valor agregado 236

Conclusão: O *tradeoff* entre equidade e eficiência 237

PARTE V

COMPORTAMENTO DA EMPRESA E ORGANIZAÇÃO DA INDÚSTRIA 241

Capítulo 13

Os custos de produção 243

O que são custos? 244

Receita total, custo total e lucro 244

Custos como custos de oportunidade 244

O custo do capital como custo de oportunidade 245

Lucro econômico *versus* lucro contábil 246

Produção e custos 246

A função de produção 247

Da função de produção à curva de custo total 248

As diversas medidas do custo 249

Custos fixos e variáveis 249

Custos médio e marginal 251

Curvas de custos e suas formas 251

Curvas de custos típicas 253

Custos no curto e no longo prazo 254

A relação entre custo total médio no curto e no longo prazo 255

Economias e deseconomias de escala 256

Saiba mais sobre: Lições de uma fábrica de alfinetes 256

Conclusão 257

Capítulo 14

Empresas em mercados competitivos 261

O que é um mercado competitivo? 262

O significado da competição 262

A receita de uma empresa competitiva 262

Maximização do lucro e a curva de oferta de uma empresa competitiva 264

Um exemplo simples de maximização do lucro 264

A curva de custo marginal e a decisão de oferta da empresa 265

A decisão da empresa de suspender as atividades no curto prazo 267

Leite derramado e outros custos irrecuperáveis 268

Estudo de caso: Restaurantes quase vazios e minigolfe na baixa estação 269

A decisão da empresa de entrar em um mercado ou sair dele no longo prazo 269

Medindo o lucro da empresa competitiva por meio de um gráfico 270

A curva de oferta em um mercado competitivo 271

O curto prazo: oferta do mercado com um número fixo de empresas 272

O longo prazo: oferta do mercado com entrada e saída de empresas 272

Por que as empresas competitivas se mantêm em atividade quando têm lucro zero? 274

A mudança na demanda no curto e no longo prazo 274

Por que a curva de oferta de longo prazo pode ter inclinação ascendente 276

Conclusão: Por trás da curva de oferta 277

Capítulo 15

Monopólio 281

Por que surgem os monopólios 282

Recursos de monopólio 283

Monopólios criados pelo governo 283

Monopólios naturais 284

Como os monopólios decidem produzir e como determinar o preço 285

Monopólio *versus* competição 285

A receita de um monopólio 286

Maximização do lucro 288

O lucro de um monopolista 289

Saiba mais sobre: Por que os monopólios não têm curva de oferta 290

Estudo de caso: Medicamentos monopolizados e genéricos 291

O custo do monopólio em relação ao bem-estar 292

O peso morto 292

O lucro do monopólio: um custo social? 294

Discriminação de preço 295

Uma parábola sobre a determinação do preço 295

A moral da história 296

Análise da discriminação de preços 297

Exemplos de discriminação de preços 298

Política pública quanto aos monopólios 299

Aumento da competição com as leis antitruste 299

Notícias: TKTS e outros esquemas 300

Regulamentação 301

Notícias: A política antitruste do presidente Obama 302

Propriedade pública 303

Não fazer nada 304

Conclusão: A prevalência dos monopólios 304

Capítulo 16

Competição monopolística 311

Entre o monopólio e a competição perfeita 312

Competição com produtos diferenciados 314

A empresa monopolisticamente competitiva no curto prazo 314

O equilíbrio no longo prazo 314

Competição monopolística *versus* competição perfeita 316

A competição monopolística e o bem-estar social 317

Notícias: Variedade insuficiente como falha de mercado 318

Publicidade 320

O debate sobre publicidade 320

Estudo de caso: Publicidade e o preço dos óculos 321

A publicidade como sinal de qualidade 322

Saiba mais sobre: Galbraith *versus* Hayek 323

Marcas 323

Conclusão 324

Capítulo 17

Oligopólio 329

Mercados com poucos vendedores 330

Um exemplo de duopólio 330

Competição, monopólios e cartéis 330

Notícias: Fixação do preço público 332

O equilíbrio para um oligopólio 332

Como o tamanho de um oligopólio afeta o resultado de mercado 334

A economia da cooperação 335

O dilema dos prisioneiros 335

Oligopólios como um dilema dos prisioneiros 336

Estudo de caso: A Opep e o mercado do petróleo 337

Outros exemplos do dilema dos prisioneiros 338

O dilema dos prisioneiros e o bem-estar social 339

Por que as pessoas às vezes cooperam 340

Estudo de caso: O torneio do dilema dos prisioneiros 340

Política pública quanto aos oligopólios 341

Restrição ao comércio e a legislação antitruste 341

Estudo de caso: Um telefonema ilegal 342

Controvérsias sobre a política antitruste 343

Estudo de caso: O caso da Microsoft 345

Notícias: O próximo grande alvo da legislação antitruste? 346

Conclusão 347

PARTE VI

A ECONOMIA DOS MERCADOS DE TRABALHO 351

Capítulo 18

Os mercados de fatores de produção 353

A demanda por mão de obra 354

A empresa competitiva maximizadora de lucros 355

A função da produção e o produto marginal do trabalho 355

O valor do produto marginal e a demanda por mão de obra 356

O que faz a curva de demanda por trabalho se deslocar? 358

Saiba mais sobre: Demanda de insumos e oferta de produtos: dois lados da mesma moeda 359

Saiba mais sobre: O movimento luddista 360

A oferta de mão de obra 360

O *tradeoff* entre trabalho e lazer 360

O que faz a curva de oferta de mão de obra se deslocar? 361

Equilíbrio no mercado de trabalho 361

Deslocamentos da oferta de mão de obra 362

Deslocamentos da demanda de mão de obra 363

Estudo de caso: Produtividade e salários 363

Notícias: A economia da imigração 364

Os outros fatores de produção: terra e capital 366

Equilíbrio nos mercados de terra e de capital 366

Saiba mais sobre: Monopsônio 367

Saiba mais sobre: O que é renda de capital? 368

Elos entre os fatores de produção 369

Estudo de caso: A economia da Peste Negra 369

Conclusão 370

Capítulo 19

Ganhos e discriminação 375

Alguns determinantes dos salários de equilíbrio 376

Diferenciais compensatórios 376

Capital humano 376

Estudo de caso: O valor crescente da qualificação 377

Talento, esforço e sorte 378

Estudo de caso: Os benefícios da beleza 379

Uma visão alternativa da educação: sinalização 380

O fenômeno dos superastros 380

Notícias: O capital humano dos terroristas 381

Salários acima do equilíbrio: legislação do salário mínimo, sindicatos e salários de eficiência 382

A economia da discriminação 383

Medindo a discriminação no mercado de trabalho 383

Estudo de caso: Emily tem mais empregabilidade que Lakisha? 384

Discriminação por parte dos empregadores 385

Estudo de caso: Bondes segregados e a motivação do lucro 385

Discriminação por parte de clientes e governos 386

Estudo de caso: Discriminação nos esportes 387

Notícias: Diferenças entre os sexos 388

Conclusão 388

Capítulo 20

Desigualdade de renda e pobreza 393

Mensuração da desigualdade 394

Desigualdade de renda nos Estados Unidos 394

Desigualdade ao redor do mundo 395

A taxa de pobreza 396

Problemas na mensuração da desigualdade 398

Estudo de caso: Medidas alternativas de desigualdade 399

Mobilidade econômica 399

Notícias: Qual é o problema com a taxa de pobreza? 400

A filosofia política da redistribuição de renda 401

Utilitarismo 402

Liberalismo 403

Libertarismo 404

Políticas de redução da pobreza 405

Legislação do salário mínimo 405

Bem-estar social 405

Imposto de renda negativo 406

Transferências em espécie 407

Programas antipobreza e incentivos ao trabalho 407

Notícias: A origem da crise financeira 408

Conclusão 409

PARTE VII

TÓPICOS DE ESTUDOS AVANÇADOS 413

Capítulo 21

A teoria da escolha do consumidor 415

A restrição orçamentária: o que o consumidor pode gastar 416

Preferências: o que o consumidor quer 417

Representação das preferências com curvas de indiferença 417

Quatro propriedades das curvas de indiferença 419

Dois exemplos extremos de curvas de indiferença 420

Otimização: o que o consumidor escolhe 421

As escolhas ótimas do consumidor 422

Como as variações na renda afetam as escolhas do consumidor 422

Saiba mais sobre: Utilidade: uma forma alternativa de descrever as preferências e a otimização 423

Como as variações nos preços afetam as escolhas do consumidor 424

Efeito renda e efeito substituição 426

Derivando a curva de demanda 427

Três aplicações 428

Todas as curvas de demanda têm inclinação negativa? 428

Estudo de caso: À procura de bens de Giffen 429

Como os salários afetam a oferta de trabalho? 430

Estudo de caso: Efeitos da renda sobre a oferta de trabalho: tendências históricas, os ganhadores de loterias e a conjectura de Carnegie 431

Como as taxas de juros afetam a poupança das famílias? 433

Conclusão: As pessoas pensam realmente assim? 435

Capítulo 22

Fronteiras da microeconomia 441

Informação assimétrica 442

Ações ocultas: principais, agentes e risco moral 442

Saiba mais sobre: Administração corporativa 443

Características ocultas: seleção adversa e o problema dos “abacaxis” 444

Sinalização para transmitir informação particular 445

Estudo de caso: Presentes como sinais 445

Seleção para descobrir informações privadas 446

Informação assimétrica e política pública 446

Economia política 447

O paradoxo eleitoral de Condorcet 447

O teorema da impossibilidade de Arrow 448

O eleitor mediano é o rei 449

Notícias: O problema do teorema de Arrow na prática 450

Os políticos também são pessoas 453

Economia comportamental 453

As pessoas nem sempre são racionais 453

As pessoas se importam com a justiça 455

Notícias: A tributação dos “pecados” cotidianos 456

As pessoas são inconsistentes ao longo do tempo 456

Conclusão 458

PARTE VIII

DADOS MACROECONÔMICOS 463

Capítulo 23

Medindo a renda nacional 465

Renda e despesa da economia 466

Mensuração do produto interno bruto 467

“PIB é o valor de mercado...” 468

“... de todos ...” 468

“... bens e serviços ...” 468

“... finais ...” 468

“... produzidos ...” 469

“... em um país ...” 469

“... em um dado período” 469

Os componentes do PIB 470

Consumo 470

Investimento 470

Saiba mais sobre: Outras medidas de renda 471

Compras do governo 472

Exportações líquidas 472

Estudo de caso: Os componentes do PIB dos Estados Unidos 473

PIB real *versus* PIB nominal 473

Um exemplo numérico 473

O deflator do PIB 475

Estudo de caso: O PIB real na história recente 476

PIB e bem-estar econômico 477

Notícias: A economia subterrânea 478

Estudo de caso: Diferenças internacionais no PIB e na qualidade de vida 479

Notícias: Além do produto interno bruto 480

Conclusão 481

Capítulo 24

Medindo o custo de vida 485

O índice de preços ao consumidor 486

Como é calculado o índice de preços ao consumidor 486

Saiba mais sobre: O que há na cesta do IPC? 488

Problemas no cálculo do custo de vida 489

Notícias: Comprando para o IPC 490

O deflator do PIB *versus* o índice de preços ao consumidor 492

Corrigindo as variáveis econômicas dos efeitos da inflação 493

Valores monetários em diferentes épocas 493

Indexação 494

Taxas de juros reais e nominais 494

Saiba mais sobre: O Sr. Índice vai a Hollywood 495

Estudo de caso: As taxas de juros da economia norte-americana 496

Conclusão 497

PARTE IX

A ECONOMIA REAL NO LONGO PRAZO 501

Capítulo 25

Produção e crescimento 503

Crescimento econômico ao redor do mundo 504

Saiba mais sobre: Uma imagem vale mais que mil estatísticas 506

Saiba mais sobre: Você é mais rico que o norte-americano mais rico? 508

Produtividade: seu papel e seus determinantes 508

Por que a produtividade é tão importante 508

Como a produtividade é determinada 509

Saiba mais sobre: A função de produção 511

Estudo de caso: Os recursos naturais são uma limitação ao crescimento? 511

Crescimento econômico e políticas públicas 512

Poupança e investimento 512

Rendimentos decrescentes e o efeito de alcance 513

Investimento estrangeiro 514

Educação 515

Saúde e nutrição 516

Notícias: A promoção do capital humano 517

Direitos de propriedade e estabilidade política 517

Livre comércio 518

Pesquisa e desenvolvimento 519

Crescimento populacional 520

Notícias: A resposta de um economista 522

Conclusão: A importância do crescimento no longo prazo 522

Capítulo 26

Poupança, investimento e sistema financeiro 527

Instituições financeiras na economia dos Estados Unidos 528

Mercados financeiros 528

Intermediários financeiros 530

Saiba mais sobre: Números importantes para os olheiros do mercado de ações 531

Juntando tudo 532

Poupança e investimento nas contas da renda nacional 532

Saiba mais sobre: Crise financeira 533

Algumas identidades importantes 533

O significado da poupança e do investimento 535

O mercado de fundos disponíveis para empréstimos 535

Oferta e demanda de fundos para empréstimos 536

Política 1: Incentivos à poupança 538

Política 2: Incentivos ao investimento 539

Política 3: Déficits e superávits orçamentários do governo 540

Estudo de caso: A história da dívida pública dos Estados Unidos 542

Conclusão 544

Capítulo 27

As ferramentas básicas das finanças 549

Valor presente: medindo o valor do dinheiro no tempo 550

Saiba mais sobre: A mágica da composição e a regra de 70 552

Administração do risco 552

Aversão ao risco 552

Os mercados de seguros 553

Diversificação do risco específico da empresa 554

O *tradeoff* entre risco e retorno 555

Avaliação de ativos 556

Análise fundamentalista 556

A hipótese dos mercados eficientes 557

Notícias: O guia de um cartunista para a seleção de ações 558

Estudo de caso: Passeios aleatórios e fundos de índice 559

Notícias: A hipótese dos mercados eficientes está arruinada? 560

Irracionalidade do mercado 562

Conclusão 562

Capítulo 28

Desemprego 565

Identificando o desemprego 566

Como se mede o desemprego? 566

Estudo de caso: Participação de homens e mulheres na força de trabalho na economia norte-americana 569

A taxa de desemprego mede o que queremos? 571

Por quanto tempo os desempregados ficam sem trabalho? 572

Por que sempre há algumas pessoas desempregadas? 572

Notícias: O aumento do desemprego de longo prazo 573

Saiba mais sobre: Os indicadores do trabalho 574

Procura de emprego 574

Por que o desemprego friccional é inevitável? 574

Política pública e procura de emprego 575

Seguro-desemprego 576

Notícias: Como os desempregados respondem aos incentivos? 576

Legislação do salário mínimo 578

Saiba mais sobre: Quem ganha o salário mínimo? 580

Sindicatos e negociação coletiva 580

A economia dos sindicatos 581

Os sindicatos são benéficos ou prejudiciais à economia? 582

A teoria dos salários de eficiência 582

Saúde do trabalhador 583

Rotatividade do trabalhador 583

Qualidade do trabalhador 583

Esforço do trabalhador 584

Estudo de caso: Henry Ford e o salário extremamente generoso de \$ 5 por dia 584

Conclusão 585

PARTE X

MOEDA E PREÇOS NO LONGO PRAZO 589

Capítulo 29

O sistema monetário 591

O significado da moeda 592

As funções da moeda 592

Tipos de moeda 593

Moeda na economia norte-americana 594

Notícias: *Mackereconomics* 594

Saiba mais sobre: Por que os cartões de crédito não são moeda? 596

Estudo de caso: Onde está a moeda corrente? 596

O sistema do Federal Reserve 597

A organização do Fed 598

O Comitê Federal de Mercado Aberto 598

Os bancos e a oferta de moeda 599

O caso simples do sistema de 100% de reserva bancária 599

Criação de moeda por meio do sistema de reservas bancárias fracionárias 600

O multiplicador da moeda 601

Capital bancário, alavancagem e a crise financeira de 2008-2009 602

Os instrumentos de controle monetário do Fed 604

Como o Fed influencia a quantidade de reservas 604

Como o Fed influencia a taxa de reserva 606

Problemas com o controle da oferta de moeda 606

Estudo de caso: Corridas aos bancos e a oferta de moeda 607

Notícias: A caixa de ferramentas do Fed segundo Bernanke 608

A taxa de fundos federais 610

Conclusão 611

Capítulo 30

Crescimento da moeda e inflação 615

A teoria clássica da inflação 616

O nível de preços e o valor da moeda 616

Oferta de moeda, demanda de moeda e equilíbrio monetário 617

Os efeitos de uma injeção de moeda 619

Um breve olhar sobre o processo de ajuste 620

A dicotomia clássica e a neutralidade monetária 620

Velocidade e equação quantitativa 622

Estudo de caso: Moeda e preços durante quatro hiperinflações 624

O imposto inflacionário 624

O efeito Fisher 625

Saiba mais sobre: Hiperinflação no Zimbábue 626

Os custos da inflação 628

Queda no poder aquisitivo? A falácia da inflação 628

Custos de sola de sapato 628

Custos de menu 629

Variabilidade dos preços relativos e alocação distorcida de recursos 630

Distorções tributárias induzidas pela inflação 630

Confusão e inconveniência 632

Um custo especial de inflação inesperada: redistribuições arbitrárias da riqueza 632

A inflação é ruim, mas a deflação pode ser pior 633

Estudo de caso: *O mágico de Oz* e o debate da prata livre 633

Notícias: Ameaças inflacionárias 634

Conclusão 636

PARTE XI

A MACROECONOMIA DAS ECONOMIAS ABERTAS 639

Capítulo 31

Macroeconomia das economias abertas: conceitos básicos 641

Os fluxos internacionais de bens e capital 642

O fluxo de bens: exportações, importações e exportações líquidas 642

Estudo de caso: A crescente abertura da economia dos Estados Unidos 643

Notícias: Quebrando a cadeia de produção 644

O fluxo de recursos financeiros: fluxo líquido de capitais externos 646

Igualdade das exportações líquidas e investimento externo líquido 647

Poupança, investimento e sua relação com os fluxos internacionais 648

Juntando tudo 649

Estudo de caso: O déficit comercial dos Estados Unidos é um problema nacional? 650

Os preços das transações internacionais: taxas de câmbio real e nominal 652

Taxa de câmbio nominal 653

Taxa de câmbio real 653

Saiba mais sobre: O euro 654

Uma primeira teoria da determinação da taxa de câmbio: paridade do poder de compra 655

A lógica fundamental da paridade do poder de compra 656

Implicações da paridade do poder de compra 656

Estudo de caso: A taxa de câmbio nominal durante uma hiperinflação 658

Limitações da paridade do poder de compra 659

Estudo de caso: O padrão hambúrguer 659

Conclusão 660

Capítulo 32

Teoria macroeconômica da economia aberta 665

Oferta e demanda de fundos para empréstimos e de câmbio 666

O mercado de fundos de empréstimos 666

O mercado de câmbio de moeda estrangeira 667

Saiba mais sobre: Paridade do poder de compra como um caso especial 670

Equilíbrio na economia aberta 670

Investimento externo líquido: o elo entre os dois mercados 671

Equilíbrio simultâneo nos dois mercados 671

Como políticas e eventos afetam uma economia aberta 673

Saiba mais sobre: Desembaraçando oferta e demanda 673

Déficits orçamentários do governo 674

Política comercial 676

Instabilidade política e fuga de capitais 678

Notícias: Regimes alternativos de taxas de câmbio 680

Estudo de caso: Investimento de capital chinês 681

Conclusão 682

PARTE XII FLUTUAÇÕES ECONÔMICAS NO CURTO PRAZO 685

Capítulo 33

Demanda agregada e oferta agregada 687

Três fatos-chave sobre as flutuações econômicas 688

Fato 1: As flutuações econômicas são irregulares e imprevisíveis 688

Fato 2: A maioria das variáveis macroeconômicas flutua conjuntamente 690

Fato 3: Com a queda na produção, o desemprego cresce 690

A explicação das flutuações econômicas no curto prazo 690

Pressupostos da economia clássica 690

A realidade das flutuações no curto prazo 691

O modelo de demanda agregada e oferta agregada 691

Notícias: As influências sociais da recessão econômica 692

A curva de demanda agregada 694

Por que a curva de demanda agregada tem inclinação negativa 694

Por que a curva de demanda agregada se desloca 697

A curva de oferta agregada 698

Por que a curva de oferta agregada é vertical no longo prazo 699

Por que a curva de oferta agregada de longo prazo se desloca 700

O uso da demanda agregada e da oferta agregada para representar o crescimento de longo prazo e a inflação 702

Por que a curva de oferta agregada tem inclinação positiva no curto prazo 702

Por que a curva de oferta agregada de curto prazo se desloca 706

Duas causas das flutuações econômicas 707

Os efeitos de um deslocamento na demanda agregada 708

Saiba mais sobre: A neutralidade monetária revisada 710

Estudo de caso: Dois grandes deslocamentos na demanda agregada: a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial 711

Estudo de caso: A recessão de 2008-2009 712

Notícias: Paralelos modernos da Grande Depressão 714

Os efeitos de um deslocamento na oferta agregada 716

Saiba mais sobre: As origens do modelo de demanda agregada e oferta agregada 718

Estudo de caso: O petróleo e a economia 718

Conclusão 719

Capítulo 34

A influência das políticas monetária e fiscal sobre a demanda agregada 723

Como a política monetária influencia a demanda agregada 724

Teoria da preferência pela liquidez 725

Saiba mais sobre: Taxas de juros no longo e no curto prazo 727

A inclinação negativa da curva de demanda agregada 728

Variações na oferta de moeda 729

O papel das metas de taxas de juros na política do Fed 730

Saiba mais sobre: O limite inferior a zero 731

Estudo de caso: Por que o Fed fica de olho no mercado de ações (e vice-versa) 732

Como a política fiscal influencia a demanda agregada 733

Alterações nas compras do governo 733

O efeito multiplicador 733

Uma fórmula para o multiplicador de despesas 734

Outras aplicações do efeito multiplicador 735

O efeito deslocamento 736

Alterações nos impostos 737

Saiba mais sobre: Como a política fiscal pode afetar a oferta agregada 738

O uso da política para estabilizar a economia 739

A favor da política ativa de estabilização 739

Estudo de caso: Keynesianos na Casa Branca 740

O caso contra uma política ativa de estabilização 740

Estabilizadores automáticos 741

Notícias: Qual é o tamanho do multiplicador da política fiscal? 742

Notícias: Indicadores incomuns 744

Conclusão 744

Capítulo 35

O tradeoff entre inflação e desemprego no curto prazo 749

A curva de Phillips 750

Origens da curva de Phillips 750

Demanda agregada, oferta agregada e a curva de Phillips 751

Deslocamentos na curva de Phillips: o papel das expectativas 753

A curva de Phillips no longo prazo 753

O significado de “natural” 754

Reconciliando teoria e evidência 755

A curva de Phillips de curto prazo 756

O experimento natural para a hipótese da taxa natural 758

Deslocamentos na curva de Phillips: o papel dos choques de oferta 759

O custo de reduzir a inflação 762

A taxa de sacrifício 762

Expectativas racionais e a possibilidade de desinflação sem custo 763

A desinflação de Volcker 764

A era Greenspan 765

A curva de Phillips durante a crise financeira 766

Notícias: Precisamos de mais inflação? 767

Conclusão 768

PARTE XIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS 771

Capítulo 36

Seis debates sobre a política macroeconômica 773

Os formuladores de políticas monetária e fiscal deveriam tentar estabilizar a economia? 774

A favor: os formuladores de políticas deveriam
tentar estabilizar a economia 774

Contra: os formuladores de políticas não
deveriam tentar estabilizar a economia 774

O governo deveria combater as recessões mediante o aumento dos gastos em vez do corte dos impostos? 775

A favor: o governo deveria combater as
recessões mediante o aumento dos
gastos 775

Contra: o governo deveria combater as
recessões mediante o corte de impostos 776

A política monetária deveria ser feita por
regras, e não discricionariamente? 777

A favor: a política monetária deveria ser feita
por regras 778

Contra: a política monetária não deveria ser
feita por regras 779

Saiba mais sobre: Metas de inflação 779

O banco central deveria buscar a inflação zero? 780

A favor: o banco central deveria buscar a
inflação zero 780

Contra: o banco central não deveria buscar a
inflação zero 781

Notícias: Qual é a taxa de inflação ideal? 782

O governo deveria equilibrar seu orçamento? 784

A favor: o governo deveria equilibrar seu
orçamento 784

Contra: o governo não deveria equilibrar seu
orçamento 785

A legislação tributária deveria ser reformada para estimular a poupança? 786

A favor: a legislação tributária deveria ser
reformada para estimular a poupança 787

Notícias: Lidando com dívidas e déficits 788

Contra: a legislação tributária não deveria ser
alterada para estimular a poupança 789

Conclusão 790

Glossário 793

Índice 801



Parte I

Introdução



CAPÍTULO

1

Dez princípios de economia

A palavra *economia* vem do termo grego *oikonomos* e pode ser entendida como “aquele que administra um lar”. Em princípio, essa origem pode parecer estranha, mas, na verdade, os lares e a economia têm muito em comum.

Uma família precisa tomar muitas decisões. Precisa decidir quais tarefas cada membro desempenha e o que cada um deles recebe em troca: Quem faz o jantar? Quem lava a roupa? Quem pode repetir a sobremesa? Quem decide que programa sintonizar na TV? Em resumo, cada família precisa alocar seus recursos escassos a seus diversos membros, levando em consideração as habilidades, os esforços e desejos de cada um de seus membros.

Assim como uma família, uma sociedade deve tomar muitas decisões. Precisa encontrar uma forma de decidir que tarefas serão executadas e por quem. Precisa de algumas pessoas para produzir alimentos, outras para fazer roupas e ainda outras para desenvolver programas de computador. Uma vez que a sociedade tiver alocado as pessoas (assim como terras, prédios e máquinas) para realizar diversas tarefas, deverá também alocar a produção de bens e serviços que as pessoas produzem. Deve decidir quem comerá caviar e quem comerá batatas. Deve decidir quem vai andar de Ferrari e quem vai andar de ônibus.

escassez

a natureza limitada dos recursos da sociedade

economia

o estudo de como a sociedade administra seus recursos escassos

A gestão dos recursos da sociedade é importante porque estes são escassos. **Escassez** significa que a sociedade tem recursos limitados e, portanto, não pode produzir todos os bens e serviços que as pessoas desejam ter. Assim como cada membro de uma família não pode ter tudo o que deseja, cada indivíduo de uma sociedade não pode ter um padrão de vida tão alto quanto ao qual aspire.

Economia é o estudo de como a sociedade administra seus recursos escassos. Na maioria das sociedades, os recursos são alocados não por um único planejador central, mas pelos atos combinados de milhões de famílias e empresas. Os economistas, portanto, estudam como as pessoas tomam decisões: o quanto trabalham, o que compram, quanto poupam e como investem suas economias. Estudam também como as pessoas interagem umas com as outras. Por exemplo, eles examinam como compradores e vendedores de um bem determinam juntos o preço pelo qual o bem será vendido e a quantidade a ser vendida. Por fim, os economistas analisam as forças e as tendências que afetam a economia como um todo, incluindo o crescimento da renda média, a parcela da população que não consegue encontrar trabalho e a taxa à qual os preços estão subindo.

O estudo da economia apresenta muitas facetas, porém o campo é unificado por diversas ideias centrais. Neste capítulo, trataremos dos *Dez Princípios de Economia*. Não se preocupe se não entender todos eles imediatamente ou se não os considerar totalmente convincentes. Nos capítulos seguintes, essas ideias serão aprofundadas. Esses princípios nos fornecem uma noção mais ampla sobre economia. Considere este capítulo como uma “prévia das próximas atrações”.

COMO AS PESSOAS TOMAM DECISÕES

Não há nada de misterioso sobre o que é uma “economia”, e não importa se estamos falando da economia de Los Angeles, dos Estados Unidos ou do mundo todo. Quando abordamos aspectos relacionados à economia, referimo-nos a um grupo de pessoas que interagem umas com as outras enquanto levam sua vida. Como o comportamento de uma economia reflete o comportamento das pessoas que a compõem, começaremos nosso estudo com quatro princípios de tomadas de decisões individuais.

Princípio 1: As pessoas enfrentam *tradeoffs*¹

Certamente você conhece o provérbio: “Nada é de graça”. Ele expressa uma grande verdade. Para conseguirmos algo que queremos, precisamos abrir mão de outra coisa de que gostamos. A tomada de decisões exige escolher um objetivo em detrimento de outro.

Consideremos, por exemplo, uma estudante que precise decidir como alocar seu recurso mais precioso – o tempo. Ela pode passar todo o seu tempo estudando economia ou psicologia, ou pode dividir seu tempo entre as duas disciplinas. Para cada hora que passa estudando uma matéria, ela abre mão de uma hora que poderia usar para estudar a outra. E, para cada hora que passa estudando qualquer uma das duas matérias, abre mão de uma hora que poderia gastar cochilando, andando de bicicleta, vendo TV ou trabalhando meio período para ganhar dinheiro para alguma despesa extra.

Ou consideremos um casal envolvido com decisões sobre como gastar a renda familiar. Esse casal pode destinar a renda para comprar comida, roupas ou pagar uma viagem para a família. Pode, ainda, poupar parte da renda para a aposentadoria ou para a faculdade dos filhos. Quando decide gastar um dólar a mais em qualquer uma dessas coisas, tem um dólar a menos para gastar em outras coisas.

¹ Em economia, *tradeoff* é um termo que define uma situação de escolha conflitante, isto é, quando uma ação econômica que visa à resolução de determinado problema acarreta, inevitavelmente, outros. Por exemplo, em determinadas circunstâncias, a redução da taxa de desemprego apenas poderá ser obtida com o aumento da taxa de inflação, o que resultará em um *tradeoff* entre inflação e desemprego. (NRT)

Quando as pessoas estão agrupadas em sociedade, deparam-se com tipos diferentes de *tradeoff*. O *tradeoff* clássico se dá entre “armas e manteiga”. Quanto mais uma sociedade gasta com defesa nacional (armas) para proteger suas linhas costeiras de agressores estrangeiros, menos ela pode gastar com bens de consumo (manteiga) para elevar o padrão de vida nos lares. Também importante na sociedade moderna é o *tradeoff* entre um meio ambiente limpo e um alto nível de renda. As leis que exigem que empresas reduzam a poluição elevam o custo da produção de bens e serviços. Em razão dos custos mais elevados, essas empresas obtêm menos lucros, pagam salários menores, cobram preços mais altos ou alguma combinação desses três fatores. Embora as regulamentações concernentes à poluição promovam um ambiente mais limpo e, em consequência, melhor saúde, elas provocam a redução de renda de proprietários, trabalhadores e clientes das empresas regulamentadas.

Outro *tradeoff* que a sociedade enfrenta é entre eficiência e igualdade. **Eficiência** significa que a sociedade está obtendo o máximo que pode de seus recursos escassos. **Igualdade** significa que os benefícios advindos desses recursos estão sendo distribuídos de maneira uniforme entre os membros da sociedade. Em outras palavras, a eficiência se refere ao tamanho do bolo econômico e a igualdade, à maneira como o bolo é dividido em partes individuais.

eficiência
a propriedade que a sociedade tem de obter o máximo possível a partir de seus recursos escassos

Quando as políticas do governo são formuladas, esses dois objetivos, de modo geral, entram em conflito. Vamos considerar, por exemplo, as políticas que têm por objetivo atingir a distribuição mais igualitária do bem-estar econômico. Algumas delas, como o sistema de bem-estar ou o seguro-desemprego, procuram ajudar os membros mais necessitados da sociedade. Outras, como o imposto de renda das pessoas físicas, requerem que os financeiramente bem-sucedidos contribuam mais que outros para sustentar o governo. Embora proporcionem mais igualdade, essas políticas reduzem a eficiência. Quando o governo redistribui renda dos ricos para os pobres, reduz a recompensa pelo trabalho árduo; com isso, as pessoas trabalham menos e produzem menos bens e serviços. Em outras palavras, quando o governo tenta cortar o bolo econômico em fatias mais iguais, o bolo diminui de tamanho.

igualdade
a propriedade de distribuir a prosperidade econômica de maneira uniforme entre os membros da sociedade

Reconhecer que as pessoas enfrentam *tradeoffs* não nos diz, por si só, quais as decisões que elas tomarão ou desejariam tomar. Uma estudante não deveria abandonar o estudo de psicologia apenas porque isso aumenta o tempo disponível para estudar economia. A sociedade não deveria deixar de proteger o meio ambiente só porque as regulamentações ambientais reduzem o padrão de vida material. Os pobres não deveriam ser ignorados só porque ajudá-los distorce os incentivos ao trabalho. Ainda assim, reconhecer os *tradeoffs* em nossa vida é importante porque as pessoas somente podem tomar boas decisões se compreenderem as opções que estão disponíveis a elas. Nosso estudo de economia, portanto, inicia-se com o reconhecimento dos *tradeoffs* da vida.

Princípio 2: O custo de alguma coisa é aquilo de que você desiste para obtê-la

Como as pessoas enfrentam *tradeoffs*, a tomada de decisões exige comparar os custos e os benefícios de possibilidades alternativas de ação. Em muitos casos, contudo, o custo de uma ação não é tão claro quanto pode parecer à primeira vista.

Vamos considerar, por exemplo, a decisão de ir à faculdade. Os benefícios principais são o enriquecimento intelectual e uma vida com melhores oportunidades de emprego. Mas qual é o custo? Para responder a essa pergunta, você talvez se sinta tentado a somar os gastos que tem com anuidades, livros, moradia e alimentação. Entretanto, esse total não representa aquilo que você sacrifica para passar um ano na faculdade.

Há dois problemas com esse cálculo. Primeiro, ele inclui algumas coisas que não são, na verdade, custos para frequentar a faculdade. Mesmo que você abandone os estudos, precisará de um lugar para dormir e de comida para se alimentar. Os custos de moradia e alimentação somente serão custos se forem mais caros na faculdade do que em outro lugar. Segundo, esse cálculo ignora o maior custo de cursar a faculdade – o tempo.

custo de oportunidade
aquilo de que devemos abrir mão para obter algum item

Quando você passa um ano assistindo às aulas, lendo livros e fazendo trabalhos, não pode dedicar esse tempo a um emprego. Para a maioria dos alunos, os salários que deixam de ganhar enquanto estão na faculdade são os principais custos de sua educação.

O **custo de oportunidade** de um item é aquilo de que você abre mão para obtê-lo.

Quando decidem, por exemplo, cursar uma faculdade, os tomadores de decisões precisam estar cientes dos custos de oportunidade que acompanham cada ação possível – de fato, geralmente eles estão. Atletas universitários que podem ganhar milhões se abandonar os estudos e se dedicar ao esporte profissional estão bem cientes de que, para eles, o custo de oportunidade de cursar a faculdade é muito elevado. Não é surpreendente, portanto, muitas vezes, eles cheguem à conclusão de que o benefício de uma educação superior não compensa o custo de fazê-la.

Princípio 3: As pessoas racionais pensam na margem

pessoa racional
aquela que, sistemática e objetivamente, faz o máximo para alcançar seus objetivos

Os economistas presumem que as pessoas são racionais. Uma **pessoa racional** faz o melhor para alcançar seus objetivos, sistemática e objetivamente, conforme as oportunidades disponíveis. Ao estudar economia, você conhecerá empresas que decidem quantas pessoas vão contratar e a quantidade de bens que serão manufaturados e vendidos para maximizar os lucros. Também encontrará indivíduos que decidem quanto tempo passam trabalhando e que bens e serviços vão comprar com a renda obtida para que possam conseguir alto nível de satisfação.

Uma pessoa racional sabe que as decisões que tomamos durante a vida raramente são “preto no branco”, com diversos tons de cinza. Na hora do jantar, a decisão não é entre jejuar e comer até não poder mais, mas aceitar uma colherada a mais de purê de batatas ou não. Quando chega a hora das provas, sua escolha não é entre não estudar mais nada e ficar estudando 24 horas por dia, mas, sim, passar uma hora a mais revendo anotações ou ver TV. Os economistas usam a expressão **mudança marginal** para descrever um pequeno ajuste incremental em um plano de ação existente. Lembre-se de que *margem* pressupõe a existência de “extremidades”, portanto mudanças marginais são ajustes ao redor das extremidades daquilo que você está fazendo. A pessoa racional, em geral, toma decisões comparando esses *benefícios marginais* com *custos marginais*.

mudança marginal
um pequeno ajuste incremental em um plano de ação

Por exemplo, imagine uma companhia aérea que tenha de decidir quanto cobrar de passageiros que estejam na lista de espera. Suponhamos que o voo de um avião de 200 lugares, costa a costa, através do país, custe à empresa \$ 100 mil. Nesse caso, o custo médio de cada assento será de \$ 100 mil/200, ou seja, \$ 500. Talvez alguém sugira que essa empresa não deve vender uma passagem por menos de \$ 500. Na verdade, uma empresa racional consegue encontrar formas de aumentar seus lucros pensando na margem. Imaginemos que o avião esteja prestes a decolar com dez assentos vagos e que um passageiro na fila de espera esteja disposto a pagar \$ 300 pela passagem. A empresa deve vender a passagem a esse preço? Claro que sim. Se o avião está com assentos vagos, o custo de acrescentar mais um passageiro é mínimo. Embora o custo *médio* por passageiro seja de \$ 500, o custo *marginal* é apenas o custo do saquinho de amendoins e do refrigerante que o passageiro extra consumirá. Desde que o passageiro pague mais que o custo marginal, vender a passagem para ele é lucrativo.

A tomada de decisões marginais pode ajudar a explicar outros fenômenos intrigantes da economia. Eis uma pergunta clássica: por que a água é tão barata e os diamantes tão caros? A água é essencial para a sobrevivência humana, os diamantes não. Contudo, por algum motivo, há pessoas que preferem desembolsar mais dinheiro por um diamante a fazê-lo por um copo de água. O motivo é que o desejo de pagar por um bem baseia-se no benefício marginal que uma unidade extra deste proporcionaria. O benefício marginal, por sua vez, depende de quantas unidades a pessoa já possui. A água é essencial, porém o benefício marginal de um copo a mais é pequeno, pois a água existe em abundância. Ninguém precisa de diamantes para sobreviver, mas, como são raros, o benefício marginal é considerado alto.

Um tomador de decisões racional executa uma ação se, e somente se, o benefício marginal exceder o custo marginal. Esse princípio explica por que as companhias aéreas vendem passagens abaixo do custo médio e por que se paga mais por diamantes que por água. É necessário algum tempo para nos acostarmos com a lógica do raciocínio marginal, entretanto o estudo da economia oferece muitas oportunidades para praticar.

Princípio 4: As pessoas reagem a incentivos

Um **incentivo** é algo que induz uma pessoa a agir, tal como a perspectiva de uma punição ou recompensa. Como as pessoas racionais tomam decisões comparando custo e benefício, elas respondem a incentivos. Você verá que os incentivos desempenham um papel importante no estudo da economia. Certo economista sugeriu que todo o conhecimento econômico poderia ser simplesmente resumido com a seguinte frase: “Pessoas reagem a incentivos. O resto são comentários”.

incentivo
algo que induz a
pessoa a agir

Os incentivos são cruciais para analisar o funcionamento do mercado. Por exemplo, quando o preço da maçã aumenta, as pessoas optam por comer menos maçãs. Ao mesmo tempo, os fazendeiros com pomares de macieiras decidem contratar mais trabalhadores e colher mais maçãs. Em outras palavras, o preço mais alto do mercado proporciona um incentivo para que os compradores consumam menos e um incentivo para que os vendedores produzam mais. Como veremos, o efeito do preço sobre o comportamento de consumidores e produtores é crucial para entender como a economia de mercado aloca recursos escassos.

Os formuladores de políticas públicas nunca devem se esquecer dos incentivos: muitas políticas alteram os custos e benefícios para as pessoas e, portanto, alteram seu comportamento. O imposto sobre a gasolina é um incentivo ao uso de carros menores, que consomem menos gasolina. Esse é um dos motivos de os carros menores serem mais usados na Europa, onde os impostos sobre a gasolina são mais altos que nos Estados Unidos, onde são mais baixos. O imposto também incentiva as pessoas a revezar carros, a usar o transporte público e a morar mais perto do local de trabalho. Se os impostos fossem mais altos, mais pessoas começariam a usar carros híbridos, e, se fossem muito altos, elas os substituiriam por carros elétricos.

Quando os formuladores de políticas deixam de considerar como suas políticas afetam os incentivos, eles provocam consequências indesejadas. Vamos pensar, por exemplo, na política pública quanto à segurança no trânsito. Hoje, todos os carros têm cintos de segurança, o que não ocorria há cinquenta anos. Na década de 1960, o livro *Unsafe at any speed* [Inseguro em qualquer velocidade], de Ralph Nader, gerou grande preocupação pública com a segurança. O Congresso norte-americano reagiu com leis que impunham os cintos de segurança como equipamento obrigatório em todos os carros novos.

Que efeito tem uma lei de cintos de segurança sobre a segurança no trânsito? O efeito direto é óbvio: quando uma pessoa usa cinto de segurança, a probabilidade de que sobreviva a um acidente grave aumenta. Mas a história não acaba aí, uma vez que a lei também afeta o comportamento ao alterar incentivos. O comportamento em questão está relacionado ao modo como os motoristas conduzem seus carros. Dirigir devagar e com cautela é custoso porque consome tempo e energia do motorista. Ao decidirem o nível de cuidado tomado ao dirigir, as pessoas racionais comparam, talvez de forma inconsciente, o benefício marginal de dirigir com cuidado ao custo marginal. Dessa forma, elas dirigem mais devagar e com mais cuidado quando o benefício do aumento da segurança é elevado. Por exemplo, quando as estradas estão molhadas e escorregadias, as pessoas dirigem com mais atenção e em velocidades mais baixas que quando as pistas estão secas.

Consideremos agora como uma lei sobre cintos de segurança afeta o cálculo de custo-benefício de um motorista. Os cintos de segurança reduzem o custo dos acidentes porque diminuem a probabilidade de ferimento ou morte. Em outras palavras, os cintos de segurança reduzem os benefícios de dirigir de forma lenta e cuidadosa. As pessoas reagem aos cintos de segurança da mesma maneira que reagiriam a uma melhora das condições das estradas – dirigindo com velocidade mais alta e com menos cuidado. Assim, o resultado de uma lei de cintos de segurança é um maior número de acidentes. A diminuição da condução cuidadosa tem um efeito claro e adverso sobre os pedestres, que passam a ter maiores chances de se envolver

em um acidente, todavia (ao contrário dos motoristas) não gozam do benefício da maior segurança decorrente da utilização do cinto de segurança.

À primeira vista, essa discussão sobre os incentivos e os cintos de segurança pode parecer mera especulação. Mas, em um estudo realizado em 1975, o economista Sam Peltzman demonstrou que as leis de segurança no trânsito apresentavam muitos efeitos como esse. De acordo com as evidências apresentadas por Peltzman, essas leis produzem tanto menos mortes por acidente quanto um maior número de acidentes. O resultado líquido é uma pequena variação do número de mortes de motoristas e um aumento do número de mortes de pedestres.

A análise que Peltzman fez da segurança no trânsito é um exemplo incomum e controverso do princípio geral, segundo o qual as pessoas reagem a incentivos. Ao analisarmos qualquer política, precisamos considerar não apenas seus efeitos diretos, mas também os efeitos indiretos e menos óbvios que operam por meio dos incentivos. Se a política mudar os incentivos, ela provocará alteração no comportamento das pessoas.



Os efeitos do incentivo dos preços da gasolina

De 2005 a 2008, o preço do petróleo nos mercados mundiais de petróleo disparou como resultado da oferta limitada e da demanda cada vez maior do expressivo crescimento mundial, especialmente na China. Nos Estados Unidos, o preço da gasolina subiu de \$ 0,50 para aproximadamente \$ 1,00 o litro. Nos noticiários da época, havia muitas histórias sobre a reação das pessoas a essas mudanças.

Eis uma amostra dessas histórias:

- “Conforme os preços da gasolina sobem, os compradores estão migrando para carros pequenos.”
- “À medida que o preço da gasolina sobe, as vendas de motocicletas (*scooters*) também aumentam.”
- “Os preços da gasolina batem as vendas de bicicletas, elas estão de volta a toda velocidade.”
- “Com o aumento da gasolina, muito mais pessoas passaram a utilizar o transporte público.”
- “A demanda por camelos aumenta à medida que o preço do petróleo aumenta.” Fazendeiros no estado indiano de Rajasthan estão redescobrimo o humilde camelo. À medida que o custo de tratores beberrões de gasolina aumenta, os ungulados (mamíferos providos de cascos) estão voltando.
- “As companhias aéreas estão sofrendo, mas as encomendas de Boeings e Airbus estão lotadas.” Nunca houve tamanha demanda por novas aeronaves que utilizam eficientemente o combustível. As versões mais recentes do Airbus A320 e do Boeing 737 são as mais disputadas, pois o combustível é até 40% mais barato que para aviões mais antigos ainda utilizados por algumas companhias aéreas norte-americanas.
- “Em razão dos altos preços da gasolina, as pessoas começam a rever a necessidade de adquirir novos imóveis.” Em busca por uma nova casa, Demetrius Stroud analisou os números e constatou que, com os preços da gasolina subindo, mudar-se para perto de uma estação de Amtrak seria a melhor coisa para o seu bolso.
- “Os preços da gasolina levam os estudantes para cursos a distância.” Para Christy LaBadie, uma estudante do segundo ano do Northampton Community College, o trajeto de 30 minutos de sua casa até o campus de Bethlehem ficou mais caro por causa do preço da gasolina ser superior a \$ 1,00 o litro. Por isso, neste semestre, ela decidiu fazer um curso pela internet para economizar a viagem – e o dinheiro.
- “O jato particular de “Diddy” Combs paira acima dos preços do combustível.” Por causa dos preços do combustível, as empresas de táxi aéreo perderam um célebre e assíduo

passageiro: Sean “Diddy” Combs, um dos artistas mais ricos do hip-hop. Atualmente, Combs prefere as linhas comerciais aos jatos particulares, os quais representam um custo aproximado de \$ 200 mil para uma viagem de ida e volta entre Nova York e Los Angeles. “Na verdade, estou voando comercialmente”, disse Diddy antes de entrar em um avião. O milionário acomodou-se na primeira classe e mostrou seu cartão de embarque para a câmera: “É assim que os altos preços da gasolina estão”.

Muitos desses desenvolvimentos provaram-se transitórios. A crise econômica que se iniciou em 2008 e continuou em 2009 reduziu a demanda mundial por petróleo, e o preço da gasolina diminuiu de forma substancial. Não se sabe ainda se Combs voltou a usar seu jato particular. ■

..... Notícias

INCENTIVO NO PAGAMENTO

Como este artigo ilustra, o modo como as pessoas são remuneradas afeta os incentivos e a tomada de decisões. (O autor do artigo, a propósito, depois disso tornou-se um dos principais conselheiros econômicos do presidente Barack Obama.)



Onde os ônibus são pontuais

Por Austan Goolsbee

Em uma tarde de verão, o trajeto da University of Chicago até o norte da cidade deve ser um dos mais bonitos do mundo. No lado esquerdo da Lake Shore Drive, passamos pelo Grant Park, um dos primeiros arranha-céus do mundo, e pela Sears Tower. No lado direito, vemos o azul intenso do Lago Michigan. Mas, apesar de toda a beleza, o trânsito pode se tornar um caos. Então, quem faz esse caminho todo dia conhece os atalhos. Sabe que, se o trânsito está parado da Buckingham Fountain até McCormick, é melhor pegar as ruas paralelas e voltar para a Lake Shore Drive alguns quilômetros mais adiante.

Muitos ônibus, contudo, ficam presos no trânsito. Sempre me pergunto por que os motoristas de ônibus não usam atalhos. É lógico que conhecem, pois seguem a mesma rota todo dia e, certamente, evitam o trânsito quando estão dirigindo o próprio carro. Como não há pontos de ônibus em Lake Shore Drive, ninguém ficaria para trás se eles se desviassem dos congestionamentos. Entretanto, quando os ônibus ficam presos no trânsito, fica difícil cumprir o

horário. Em vez de passar um ônibus a cada 10 minutos, chegam três de uma só vez, depois de meia hora. E essa é a forma menos eficiente de administrar um sistema de transporte público. Portanto, por que não pegar atalhos, já que isso mantém o cronograma e os ônibus no horário?

Em princípio você pode achar que os motoristas não ganham o suficiente para elaborar estratégias. Porém, os motoristas de Chicago estão na sétima posição dos motoristas mais bem pagos do país; os que trabalham período integral ganham mais de \$ 23 por hora, conforme uma pesquisa feita em novembro de 2004. Talvez o problema não seja o valor do salário, mas como ele é pago. Pelo menos é o que sugere um novo estudo sobre os motoristas de ônibus do Chile, realizado por Ryan Johnson e David Reiley, da University of Arizona, e Juan Carlos Muñoz, da Pontificia Universidad Católica de Chile.

No Chile, as empresas de ônibus remuneram os motoristas de duas formas: por hora ou por passageiro. O pagamento por passageiro provoca menos atrasos. Ao receberem incentivos, os motoristas começam a agir como pessoas normais e pegam atalhos quando o trânsito está ruim. Reduzem

o horário de almoço e o tempo que passam no banheiro. Querem pegar a estrada e transportar um número maior de passageiros, o mais rápido possível. Em suma, a produtividade aumenta...

É claro que nem tudo é perfeito com relação ao pagamento de incentivo. Quando os motoristas de ônibus começam a ir mais rápido de um lugar para outro, eles se envolvem em mais acidentes (assim como nós). Além disso, alguns passageiros reclamam que ficam enjoados porque o motorista acelera muito assim que o passageiro entra no ônibus. No entanto, quando têm opção, as pessoas preferem as empresas de ônibus que cumprem o horário. Em Santiago, mais de 95% dos motoristas de ônibus recebem incentivos no pagamento.

Os incentivos no pagamento aumentam a produtividade do motorista de ônibus. Em Chicago, para evitar os constantes congestionamentos, os táxis pegam atalhos em Lake Shore Drive. Os ônibus não têm essa opção e, por isso, ficam muito tempo no trânsito. Como os motoristas de táxi ganham dinheiro por viagem que fazem, empenham-se em chegar rapidamente ao destino do passageiro para que possam pegar outra pessoa.

TESTE RÁPIDO Descreva um *tradeoff* importante que você tenha enfrentado recentemente. • Cite um exemplo de uma ação que tenha tanto um custo de oportunidade monetário quanto não monetário. • Descreva um incentivo que seus pais lhe ofereceram numa tentativa de influenciar seu comportamento.

COMO AS PESSOAS INTERAGEM

Os quatro princípios anteriores abordaram aspectos relacionados à forma de os indivíduos tomarem decisões. Enquanto levamos nossa vida, muitas de nossas decisões não nos afetam exclusivamente, mas também outras pessoas. Os próximos três princípios dizem respeito a como as pessoas interagem umas com as outras.

Princípio 5: O comércio pode ser bom para todos

Como pessoa bem informada, você sabe que o Japão concorre com os Estados Unidos na economia mundial. De certa forma isso é verdade, pois as empresas norte-americanas e japonesas produzem muitos bens do mesmo tipo. A Ford e a Toyota concorrem pelos mesmos clientes no mercado de carros. A Apple e a Sony concorrem pelos mesmos clientes no mercado de equipamentos de música digital.

É fácil se enganar, porém, ao pensar na competição entre países. O comércio entre os Estados Unidos e o Japão não é como uma competição esportiva, em que um lado ganha e o outro perde. De fato, o oposto é verdadeiro: o comércio entre dois países pode ser bom para ambas as partes.

Para sabermos o porquê, vamos pensar em como o comércio afeta sua família. Quando um parente seu procura por emprego, está concorrendo com membros de outras famílias que também querem estar empregados. As famílias também competem umas com as outras quando vão às compras, uma vez que cada uma delas quer comprar os melhores bens aos menores preços. Assim, de certa forma, cada família existente na economia está concorrendo com todas as demais.

Apesar dessa competição, sua família não se daria melhor isolando-se de todas as outras. Se o fizesse, precisaria produzir sua própria comida, confeccionar suas próprias roupas e construir sua própria casa. É evidente que sua família se beneficia muito da própria habilidade de comerciar com outras pessoas. O comércio permite que as pessoas se especializem na atividade em que são melhores, agricultura, costura ou construção. Ao comerciarem com os outros, as pessoas podem comprar uma maior variedade de bens e serviços a um custo menor.

Assim como as famílias, os países beneficiam-se da possibilidade de comerciar uns com os outros. O comércio permite que eles se especializem naquilo que fazem melhor e desfrutem de uma maior variedade de bens e serviços. Os japoneses, como os franceses, os egípcios e os brasileiros, são tanto nossos parceiros na economia mundial quanto nossos concorrentes.

Princípio 6: Os mercados são geralmente uma boa maneira de organizar a atividade econômica

economia de mercado

uma economia que aloca recursos por meio das decisões descentralizadas de muitas empresas e famílias quando estas interagem nos mercados de bens e serviços

O colapso do comunismo na União Soviética e no Leste Europeu na década de 1980 pode ser a mudança mais importante que aconteceu no mundo nos últimos cinquenta anos. Os países comunistas operavam com base na premissa de que as autoridades do governo estavam na melhor posição para alocar os recursos escassos da economia. Os planejadores centrais decidiam que bens e serviços produzir, quanto produzir de cada um deles e quem os produziria e consumiria. A teoria por trás do planejamento central era a de que apenas o governo poderia organizar a atividade econômica de maneira que promovesse o bem-estar econômico de todo o país.

A maioria dos países que tiveram economias de planejamento central abandonou esse sistema e está tentando desenvolver economias de mercado. Em uma **economia de mercado**, as decisões do planejador central são substituídas pelas decisões de milhões

de empresas e famílias. As empresas decidem quem contratar e o que produzir. As famílias decidem em que empresas trabalhar e o que comprar com seus rendimentos. Essas empresas e famílias interagem no mercado, em que os preços e o interesse próprio guiam suas decisões.

À primeira vista, o sucesso das economias de mercado é enigmático. Em uma economia de mercado, ninguém cuida do bem-estar econômico de toda a sociedade. Os mercados livres contêm muitos compradores e vendedores de diversos bens e serviços, e todos estão interessados, antes de tudo, no seu próprio bem-estar. Ainda assim, apesar da tomada descentralizada de decisões e de tomadores de decisões movidos pelo interesse particular, as economias de mercado têm se mostrado muito bem-sucedidas na organização da atividade econômica para promover o bem-estar econômico geral.

O economista Adam Smith, em seu livro *A riqueza das nações – Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, publicado em 1776, fez a mais famosa observação de toda a economia: “as famílias e empresas, ao interagirem em mercados, atuam como se fossem guiadas por uma ‘mão invisível’ que as leva a resultados de mercado desejáveis”. Um de nossos objetivos neste livro é entender como essa mão invisível faz sua mágica.

Ao estudar economia, você aprenderá que os preços são o instrumento com que a mão invisível conduz a atividade econômica. Em qualquer mercado, o comprador observa o preço ao determinar a demanda e o vendedor analisa o preço ao decidir a oferta. Como resultado dessas decisões, os preços do mercado refletem não só o valor de um bem para a sociedade, mas também o custo de sua manufatura. A visão de Adam Smith era de que os preços se ajustam para direcionar a oferta e a demanda, de modo a alcançar resultados que, em muitos casos, maximizam o bem-estar da sociedade como um todo.

A visão de Smith apresenta um importante corolário: quando o governo impede que os preços se ajustem de forma natural à oferta e à demanda, impede que a mão invisível coordene as decisões de famílias e empresas que compõem a economia. Esse corolário explica por que os impostos têm um efeito adverso sobre a alocação de recursos: eles distorcem os preços e, com isso, as decisões das empresas e famílias. Explica também o mal ainda maior que pode ser causado por políticas de controle direto dos preços, como a de controle dos aluguéis. E explica o fracasso do comunismo. Nos países comunistas, os preços não eram determinados no mercado, mas ditados pelos planejadores centrais. Os planejadores não tinham as informações necessárias sobre o gasto dos consumidores e os custos dos produtores que, em uma economia de mercado, são refletidas nos preços. Os planejadores centrais falharam porque tentaram conduzir a economia com uma mão amarrada nas costas – a mão invisível do mercado.

Princípio 7: Às vezes os governos podem melhorar os resultados dos mercados

Se a mão invisível do mercado é grande, por que precisamos do governo? Um dos objetivos do estudo de economia é refinar nossa visão sobre o papel e os objetivos adequados das políticas governamentais.

Um dos motivos por que precisamos do governo é que a mão invisível poderá fazer maravilhas apenas se o governo garantir o cumprimento das regras e manter as instituições principais da economia. Mais importante, as economias de mercado precisam das instituições para garantir o **direito de propriedade** de modo que os indivíduos tenham condições de possuir e controlar os recursos escassos. Os fazendeiros não cultivarão alimentos se acharem que suas colheitas serão roubadas, os restaurantes só servirão refeições se tiverem a garantia de que os clientes pagarão antes de ir embora, e uma companhia de entretenimento não produzirá DVDs se muitos consumidores em potencial fizerem cópias ilegais. Todos nós confiamos no governo para providenciar polícia e tribunais a fim de fazer valer o direito sobre aquilo que produzimos – e a mão invisível conta com nossa habilidade para garantir esses direitos.

Há, ainda, outra razão que justifica o fato de precisarmos de governo: a mão invisível é poderosa, mas não é onipotente. Há dois motivos genéricos para que um governo intervenha na economia – promover a eficiência e promover a igualdade. Ou seja, a maioria das políticas visa aumentar o bolo econômico e mudar a forma como ele é dividido.

direito de propriedade
habilidade de um indivíduo para possuir e exercer controle sobre recursos escassos

..... Saiba mais sobre...

ADAM SMITH E A MÃO INVISÍVEL



Pode ser mera coincidência o fato de o grande livro de Adam Smith, *A riqueza das nações*, ter sido publicado em 1776, ano exato em que os revolucionários norte-americanos assinaram a sua Declaração da Independência. Entretanto, os dois documentos compartilham um ponto de vista predominante na época: os indivíduos tomarão melhores decisões se puderem agir por conta própria, sem a mão opressiva do governo para conduzir suas ações. Essa filosofia política proporciona a base intelectual para a economia de mercado e, de maneira mais geral, para a sociedade livre.

Por que as economias descentralizadas de mercado funcionam tão bem? Isso ocorre porque as pessoas se tratam com carinho e bondade? De forma alguma. Adam Smith descreveu o modo como as pessoas interagem em uma economia de mercado da seguinte maneira:

O homem tem quase que constantes oportunidades para esperar ajuda de seus semelhantes, e seria vão esperar obtê-la somente da benevolência. Terá maiores chances de ser bem-sucedido se puder interessar o amor-próprio deles a seu favor e mostrar-lhe que é para sua própria vantagem fazer para ele aquilo que deles se exige. [...] Dê-me aquilo que desejo e terá o que deseja, eis o significado de tal oferta; e dessa maneira obtemos um do outro uma parte muito maior dos ofícios de que necessitamos.

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos seus próprios interesses. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas ao seu amor-próprio, e nunca falamos com eles de nossas próprias necessidades, mas de suas vantagens. Ninguém, exceto o mendigo, escolhe depender principalmente da benevolência dos cidadãos. [...]

Cada indivíduo [...] não tem a intenção de promover o interesse público, nem sabe o quanto o está promovendo. [...] Não pensa senão no próprio ganho, e, nesse caso, como em muitos outros, é conduzido por uma mão invisível a promover um fim que não fazia parte de sua intenção. E nem sempre é pior para a sociedade que não fizesse parte. Ao perseguir seu próprio interesse, ele promove o interesse da sociedade de modo mais eficaz do que faria se realmente se prestasse a promovê-lo.

O que Smith está dizendo é que os participantes da economia são motivados por seus próprios interesses e que a “mão invisível” do mercado conduz esses interesses de maneira que seja promovido o bem-estar econômico geral.

Muitos dos princípios de Smith permanecem no seio da economia moderna. Nossa análise nos capítulos posteriores nos permitirá expressar com mais precisão as conclusões de Smith e analisar plenamente os pontos fortes e fracos da mão invisível do mercado.

falha de mercado

uma situação em que o mercado, por si só, fracassa ao alocar recursos eficientemente

externalidade

o impacto das ações de uma pessoa sobre o bem-estar de outras que não tomam parte da ação

Consideremos primeiro o objetivo da eficiência. Embora a mão invisível leve os mercados a alocar os recursos de forma eficiente para maximizar o tamanho do bolo econômico, isso nem sempre acontece. Os economistas usam a expressão **falha de mercado** para se referirem a uma situação em que o mercado, por si só, não consegue produzir uma alocação eficiente de recursos. Como veremos, uma possível causa de falha de mercado é a **externalidade**, que é o impacto das ações de uma pessoa sobre o bem-estar dos que estão próximos. Um exemplo clássico de uma externalidade é a poluição. Outra causa possível de uma falha de mercado é o **poder de mercado**, que se refere à capacidade de uma pessoa (ou um pequeno grupo de pessoas) influenciar de forma indevida os preços de mercado. Se, por exemplo, todas as pessoas de uma cidade precisarem de água, porém houver apenas um poço, o proprietário do poço não estará sujeito à forte competição por meio da qual a mão invisível costuma controlar os interesses particulares. Quando há externalidades ou poder de mercado, políticas públicas bem concebidas podem aumentar a eficiência econômica.

Consideremos o objetivo da igualdade. Mesmo que a mão invisível produza resultados eficientes, ela pode apresentar grandes disparidades no bem-estar econômico. Uma economia de mercado recompensa as

pessoas de acordo com a capacidade delas de produzir coisas pelas quais outras pessoas estejam dispostas a pagar. O melhor jogador de basquete do mundo ganha mais do que o melhor jogador de xadrez simplesmente porque as pessoas estão dispostas a pagar mais para assistir a uma partida de basquete do que para assistir a um jogo de xadrez. A mão invisível não garante que todos tenham comida suficiente, roupas decentes e atendimento médico adequado. Essa desigualdade pode, dependendo da filosofia política, exigir a intervenção do governo. Na prática, muitas políticas públicas, como o imposto de renda e o sistema de seguridade social, têm por objetivo atingir uma distribuição mais igualitária do bem-estar econômico.

poder de mercado
a capacidade que um único agente econômico (ou um pequeno grupo de agentes) tem de influenciar de forma significativa os preços do mercado

Dizer que o governo *pode*, por vezes, melhorar os resultados do mercado não significa que ele sempre o *fará*. A política pública não é feita por anjos, mas por um processo político que está longe de ser perfeito. Às vezes, as políticas são concebidas somente para recompensar os politicamente poderosos. Outras vezes, são feitas por líderes bem-intencionados, mas mal-informados. À medida que estudar economia, você se tornará um melhor juiz de quando uma política de governo é justificável pelo fato de ela promover eficiência ou igualdade e quando não é.

TESTE RÁPIDO Por que um país fica em melhor situação quando não se isola dos outros países? • Por que existem mercados e, segundo os economistas, qual é o papel do governo sobre eles?

COMO A ECONOMIA FUNCIONA

Começamos por uma discussão sobre como as pessoas tomam decisões e depois vimos como elas interagem umas com as outras. Juntas, todas essas decisões e interações formam “a economia”. Os três últimos princípios referem-se ao funcionamento da economia.

Princípio 8: O padrão de vida de um país depende de sua capacidade de produzir bens e serviços

Em todo o mundo, as diferenças de padrão de vida são assustadoras. Em 2008, o norte-americano médio tinha uma renda de cerca de \$ 47 mil. No mesmo ano, o mexicano médio ganhava cerca de \$ 10 mil, e o nigeriano médio, apenas \$ 1.400. Essa grande variação do nível de rendimento se reflete em diversos indicadores de qualidade de vida. Os cidadãos de países de renda elevada têm mais televisores e carros, melhor nutrição, melhor assistência médica e uma expectativa de vida mais longa que os cidadãos de países de baixa renda.

As mudanças do padrão de vida ao longo do tempo também são grandes. Nos Estados Unidos, as rendas cresceram historicamente cerca de 2% ao ano (após ajustes que ocorreram por causa de alterações no custo de vida). A essa taxa, a renda média dobra a cada 35 anos. No último século, a renda média dos Estados Unidos aumentou aproximadamente oito vezes.

O que explica essas grandes diferenças de padrão de vida entre países e ao longo do tempo? A resposta é surpreendentemente simples. Quase todas as variações de padrão de vida podem ser atribuídas a diferenças de **produtividade** entre países, ou seja, a quantidade de bens e serviços produzidos por unidade de insumo de mão de obra. Em países onde os trabalhadores podem produzir uma grande quantidade de bens e serviços por unidade de tempo, a maioria das pessoas desfruta de padrões de vida elevados; em nações onde os trabalhadores são menos produtivos, a maioria das pessoas precisa enfrentar uma existência com maior escassez e, portanto, menos confortável. De forma semelhante, a taxa de crescimento da produtividade de um país determina a taxa de crescimento de sua renda média.

produtividade
a quantidade de bens e serviços produzidos por unidade de insumo de mão de obra

A relação fundamental entre produtividade e padrões de vida é simples, mas suas implicações são profundas. Se a produtividade é o determinante principal do padrão de vida, outras explicações devem ser de

..... Notícias

POR QUE ESTUDAR ECONOMIA

Neste trecho de um discurso, o ex-presidente do Federal Reserve de Dallas argumenta sobre o estudo de economia.

**Uma ciência sinistra?¹ Duvido!**

Por Robert D. McTeer Jr.

Minha opinião sobre o estudo de economia é que ele se torna cada vez mais valioso à medida que ascendemos na carreira profissional. Não consigo imaginar melhor curso para presidentes de empresas, congressistas ou presidentes. Você adquire uma forma de pensar disciplinada e sistemática que lhe será muito útil. No entanto, os que enfrentam os desafios econômicos se surpreendem ao descobrirem como uma economia funciona melhor com menos pessoas no comando. Quem faz o planejamento? Quem toma as decisões? Quem decide o que produzir?

A mão invisível de Adam Smith é a coisa mais importante que se aprende quando se estuda economia. Entendemos de que modo cada um de nós pode trabalhar em interesse próprio e ainda produzir um resultado social desejável. Entendemos como o mercado coordena atividades aparentemente sem coordenação para aumentar a riqueza das nações. Entendemos a mágica dos mercados e os perigos de mexer muito com eles. Entendemos melhor o que aprendemos no jardim de infância: que não se deve matar ou aleijar a galinha dos ovos de ouro. [...]

A economia ajuda a entender as falácias e as consequências imprevistas. Na verdade,

estou inclinado a definir economia como o estudo da forma de antecipar consequências imprevistas. [...]

Poucos registros na literatura parecem mais relevantes para os debates da economia contemporânea que aquilo que é denominado falácia da janela quebrada. Sempre que um programa governamental é justificado, não por seus méritos, mas pelos empregos que poderá criar, lembrem-se da janela quebrada: alguns adolescentes, que adoram uma brincadeira, digamos, mais «perigosa», atiram um tijolo na janela da padaria. Logo há um amontoado de gente lamentando: «Que malvadeza!». Entretanto, alguém mais atento apontará o lado positivo dessa situação: o padeiro terá de gastar dinheiro para consertar a janela. Isso aumentará a renda do vidraceiro, que gastará essa renda extra, que aumentará a renda de outra pessoa, e assim por diante. Vocês sabem. Essa cadeia de gastos se multiplicará e vai gerar mais renda e empregos. Se a janela for bem grande, poderá gerar rápido crescimento econômico.

Muitos eleitores caem nessa falácia, mas não os bons economistas. Estes dirão: «Espere um pouco!». Se o dono da padaria não tivesse gasto seu dinheiro no conserto da janela, ele teria gasto no terno novo para o qual estava economizando. Então, o alfaia-

te teria mais dinheiro para gastar, e assim por diante. A janela quebrada não criou novos gastos, apenas os desviou para outro lado. A janela quebrada não criou novas atividades, apenas atividades diferentes. As pessoas veem a atividade que ocorre. Elas não veem a atividade que *teria* ocorrido.

A falácia da janela quebrada se perpetua de muitas formas. Sempre que a criação ou retenção de empregos é o objetivo principal, chamo-a de falácia de contagem de empregos. Os bons economistas entendem a realidade não intuitiva de que o progresso verdadeiro resulta da eliminação de empregos. Antigamente, era preciso que 90% da população de nosso país cultivasse alimentos. Agora bastam 3%. Desculpem-me, mas será que estamos em pior situação por causa das perdas de emprego na agricultura? Os pretensos agricultores e fazendeiros são agora professores universitários e especialistas em informática. [...]

Então, em vez de contarmos empregos, devemos fazer com que cada emprego valha a pena. Ocasionalmente teremos um ponto vulnerável, quando houver uma desproporção entre oferta e demanda no mercado de trabalho. Mas isso é temporário. Não se torne um ludita,² que destrói máquinas, ou um protecionista, que tenta cultivar bananas na cidade de Nova York.

¹ No original, *dismal science* – expressão pejorativa também usada para economia, criada pelo historiador Thomas Carlyle. (NT)

² Indivíduo que se opõe à industrialização ou a novas tecnologias. (NT)

Fonte: *The Wall Street Journal*, 4 jun. 2003.

importância secundária. Por exemplo, poderia ser tentador creditar aos sindicatos de trabalhadores ou às leis de salário mínimo a elevação do padrão de vida dos trabalhadores norte-americanos durante o século passado. Mas a verdadeira heroína dos trabalhadores norte-americanos é sua produtividade crescente. Vejamos outro exemplo: alguns especialistas afirmaram que a competição crescente do Japão e de outros países explica o lento crescimento da renda nos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980. Mas, na verdade, o vilão não era a competição internacional e, sim, o menor crescimento da produtividade no país.

A relação entre produtividade e padrão de vida também traz implicações profundas para a política pública. Quando se pensa sobre como alguma política afetará os padrões de vida, a questão-chave é como ela afetará nossa capacidade de produzir bens e serviços. Para elevar os padrões de vida, os formuladores de políticas precisam elevar a produtividade, de forma a garantir que os trabalhadores tenham uma boa educação, disponham das ferramentas de que precisam para produzir bens e serviços e tenham acesso à melhor tecnologia disponível.

Princípio 9: Os preços sobem quando o governo emite moeda demais

Na Alemanha, em janeiro de 1921, um jornal custava 30 centavos de marco. Menos de dois anos depois, em novembro de 1922, o mesmo jornal custava 70.000.000 de marcos. Todos os outros preços da economia subiram na mesma medida. Esse episódio é um dos exemplos mais espetaculares de **inflação**, um aumento no nível geral de preços da economia.

Embora os Estados Unidos nunca tenham conhecido uma inflação próxima da que houve na Alemanha na década de 1920, a inflação tem sido, por vezes, um problema econômico. Durante os anos de 1970, por exemplo, quando o nível geral de preços mais do que dobrou, o presidente Gerald Ford referiu-se à inflação como o “inimigo público número 1”. No entanto, na primeira década do século XXI, a inflação ficou em torno de 2,5% ao ano; a essa taxa, seriam necessários quase 30 anos para que os preços dobrassem. Como uma inflação elevada impõe diversos custos à sociedade, mantê-la em níveis baixos é um objetivo dos formuladores de políticas econômicas de todo o mundo.

O que causa a inflação? Em quase todos os casos de inflação elevada ou persistente, o culpado é o aumento na quantidade de moeda. Quando um governo emite grandes quantidades de moeda, o valor desta cai. Na Alemanha, no início da década de 1920, quando os preços estavam, em média, triplicando a cada mês, a quantidade de moeda também triplicava mensalmente. Embora menos dramática, a história econômica dos Estados Unidos aponta para uma conclusão semelhante: a inflação elevada da década de 1970 estava associada a um rápido crescimento da quantidade de moeda, e a baixa inflação do período mais recente, a um lento crescimento da quantidade de moeda.

inflação
um aumento do nível
geral de preços da
economia

Princípio 10: A sociedade enfrenta um *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego

Embora o nível mais alto de preços seja, no longo prazo, o primeiro efeito do aumento da quantidade de moeda, no curto prazo, a situação é mais complexa e mais controversa. Muitos economistas descrevem os efeitos de curto prazo da injeção monetária como:

- O aumento da quantidade de moeda na economia estimula o nível geral de consumo e, portanto, a demanda por bens e serviços.
- O aumento da demanda pode, com o tempo, levar as empresas a elevar os preços, porém, nesse ínterim, esse aumento também incentiva as empresas a contratar mais mão de obra e a aumentar a quantidade de bens e serviços produzidos.
- Maior contratação significa menor desemprego.

Essa linha de raciocínio leva a um amplo *tradeoff* final na economia: um *tradeoff* de curto prazo entre a inflação e o desemprego.

Embora alguns economistas ainda questionem essas ideias, a maioria aceita que a sociedade enfrenta um *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego. Isso significa que, em um período de um ou dois anos, muitas políticas econômicas empurram a inflação e o desemprego em direções opostas. Os formuladores de políticas enfrentam esse *tradeoff* sem considerar se tanto a inflação quanto o desemprego se apresentam em níveis elevados (como ocorreu no início da década de 1980), em níveis baixos (como na década de 1990) ou

ciclo de negócios

flutuações da atividade econômica, medidas pelo número de pessoas empregadas ou pela produção de bens e serviços

em níveis intermediários. Esse *tradeoff* de curto prazo é de grande importância para a análise do **ciclo de negócios** – as flutuações irregulares e imprevisíveis na atividade econômica, medidas pela produção de bens e serviços ou pelo número de pessoas empregadas.

Os formuladores de políticas podem explorar o *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego usando diversos instrumentos de política econômica. Ao mudarem os montantes referentes aos gastos do governo, ao total arrecadado de impostos e às emissões de moeda, os formuladores de políticas poderão influenciar a demanda global por bens e serviços. As mudanças na demanda, por sua vez, influenciam a combinação

..... Saiba mais sobre...

COMO LER ESTE LIVRO

A economia é divertida, mas também pode ser difícil de aprender. Meu objetivo, ao escrever este livro, é torná-lo o mais agradável e fácil possível. Entretanto, você, estudante, também tem um papel a cumprir. A experiência prova que, se você realmente se envolver ao estudar por este livro, obterá melhores resultados tanto nos exames quanto nos anos que se seguirem. Eis algumas dicas sobre como ler melhor este livro:

1. **Leia antes da aula.** O aluno se sai melhor quando lê o respectivo capítulo antes de assistir à aula. Você entenderá com mais facilidade a aula, e suas perguntas vão se concentrar realmente nos aspectos de que precisa de ajuda.
2. **Resuma, não marque.** Passar um marca-texto amarelo sobre estas páginas é uma atividade passiva demais para manter sua mente concentrada. Em vez disso, quando chegar ao fim de uma seção, resuma com suas próprias palavras o que acabou de aprender. Ao terminar o capítulo, compare seu resumo com o que consta do final do capítulo. Será que você entendeu os pontos principais?
3. **Teste a si mesmo.** No decorrer do livro, os “Testes rápidos” proporcionam um *feedback* instantâneo para revelar se você aprendeu o que deveria. Aproveite essa oportunidade para escrever suas respostas e conferi-las com as que são apresentadas na página deste livro, no site da editora: www.cengage.com.br. Esses testes servem para avaliar sua compreensão básica. Se sua resposta não estiver correta, você provavelmente precisará rever a seção.
4. **Pratique, pratique e pratique.** No final de cada capítulo, há “Questões para revisão”, que testam seu entendimento, e “Problemas” e “aplicações”, para você aplicar e ampliar o material. Provavelmente, seu professor pedirá que alguns desses exercícios sejam feitos em casa. Nesse caso, faça-os. Se ele não pedir, faça-os do mesmo jeito. Quanto mais você usar seus novos conhecimentos, mais sólidos eles se tornarão.
5. **Use a internet.** A editora deste livro mantém extenso site, em inglês, para ajudá-lo a estudar economia, com exemplos, aplicações, problemas adicionais e testes de autoavaliação. O endereço é: www.cengage.com/international.
6. **Estude em grupos.** Após ler o livro e resolver sozinho os problemas, reúna-se com os colegas para discutir o conteúdo do material. Vocês aprenderão uns com os outros – um exemplo dos ganhos do comércio.
7. **Ensine alguém.** Como todos os professores sabem, a melhor maneira de aprender é ensinar. Aproveite a oportunidade de ensinar novos conceitos econômicos a um parceiro de estudo, um amigo, seu pai ou sua mãe, ou até mesmo um animal de estimação.
8. **Não ignore os exemplos do mundo real.** Em meio a todos os números, gráficos e estranhas palavras novas, é fácil perder de vista o foco sobre o que é realmente economia. As seções “Estudos de caso” e “Notícias” que aparecem em todos os capítulos ajudarão você a manter o foco, pois mostram como a teoria está ligada a eventos do nosso cotidiano.
9. **Aplique o pensamento econômico à vida diária.** Depois de aprender como a economia é aplicada ao mundo real, coloque a mão na massa! Você pode usar a análise econômica para entender melhor suas próprias decisões, a economia à sua volta e os eventos divulgados nas mídias. Você verá o mundo de outra forma.

de inflação e desemprego que a economia apresenta no curto prazo. Uma vez que esses instrumentos de política econômica são potencialmente tão poderosos, a maneira como os formuladores de políticas devem utilizá-los para controlar a economia e mesmo se devem ou não utilizá-los é objeto de constante debate.

O debate esquentou nos primeiros anos da presidência de Barack Obama. Em 2008 e 2009, os Estados Unidos e outros países sofreram uma profunda crise econômica. Problemas no sistema financeiro, causados por aplicações ruins no mercado imobiliário, transbordaram para o restante da economia. Nesse contexto, houve uma redução significativa de renda e o aumento do desemprego. Os formuladores de políticas reagiram de diversas maneiras para aumentar a demanda agregada por bens e serviços. A principal medida do presidente Obama foi a edição de um pacote de estímulos mediante a redução de impostos e o aumento dos gastos por parte do governo. Ao mesmo tempo, o Federal Reserve aumentou a oferta de moeda. O objetivo dessas políticas era reduzir o desemprego. Alguns temiam, porém, que tais políticas pudessem, com o tempo, levar a um nível excessivo de inflação.

TESTE RÁPIDO Enumere e descreva resumidamente os três princípios que descrevem como a economia funciona.

CONCLUSÃO

Agora você já teve uma amostra do que trata a economia. Nos capítulos posteriores, desenvolveremos muitos assuntos específicos sobre as pessoas, os mercados e as economias. Dominá-los exigirá algum esforço, mas não será uma tarefa árdua. O campo da economia se baseia em algumas grandes ideias que podem ser aplicadas em muitas situações diferentes.

Ao longo do livro, faremos referência aos *Dez princípios de economia* que destacamos neste capítulo e resumimos na Tabela 1. Mantenha esses princípios em mente, pois até a mais sofisticada das análises econômicas se fundamenta neles.

Como as pessoas tomam decisões

- 1: As pessoas enfrentam *tradeoff*.
- 2: O custo de alguma coisa é aquilo de que você desiste para obtê-la.
- 3: As pessoas racionais pensam na margem.
- 4: As pessoas reagem a incentivos.

Como as pessoas interagem

- 5: O comércio pode ser bom para todos.
- 6: Os mercados são, geralmente, uma boa maneira de organizar a atividade econômica.
- 7: Às vezes, os governos podem melhorar os resultados dos mercados.

Como a economia funciona

- 8: O padrão de vida de um país depende de sua capacidade de produzir bens e serviços.
- 9: Os preços sobem quando o governo emite moeda demais.
- 10: A sociedade enfrenta um *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego.

TABELA 1

Dez princípios de economia

RESUMO

- As lições fundamentais sobre a tomada de decisões individual são as seguintes: as pessoas enfrentam *tradeoffs* entre objetivos alternativos, o custo de qualquer ação é medido em termos de oportunidades abandonadas, as pessoas racionais tomam decisões depois de comparar custos marginais e benefícios marginais, e os indivíduos mudam o comportamento quando há incentivos.
- As lições fundamentais sobre as interações entre pessoas são as seguintes: o comércio e a interdependência podem ser mutuamente benéficos, os merca-

dos costumam ser uma boa maneira de coordenar a atividade econômica entre as pessoas e o governo pode potencialmente melhorar os resultados do mercado quando corrige uma falha de mercado ou promove maior igualdade econômica.

- As lições fundamentais sobre a economia como um todo são estas: a produtividade é a fonte fundamental dos padrões de vida, o aumento na emissão de moeda é a causa fundamental da inflação e a sociedade enfrenta um *tradeoff* de curto prazo entre inflação e desemprego.

CONCEITOS-CHAVE

escassez, p. 4
 economia, p. 4
 eficiência, p. 5
 igualdade, p. 5
 custo de oportunidade, p. 6
 pessoa racional, p. 6
 mudança marginal, p. 6
 incentivo, p. 7

economia de mercado, p. 10
 direito de propriedade, p. 11
 falha de mercado, p. 12
 externalidade, p. 12
 poder de mercado, p. 13
 produtividade, p. 13
 inflação, p. 15
 ciclo de negócios, p. 16

QUESTÕES PARA REVISÃO

1. Dê três exemplos de *tradeoffs* importantes com que você se depara na vida.
2. Qual é o custo de oportunidade de cursar uma faculdade?
3. A água é necessária para a vida. O benefício marginal de um copo d'água é grande ou pequeno?
4. Por que os formuladores de políticas devem pensar sobre os incentivos?
5. Por que o comércio entre países não é como um jogo, em que alguns vencem e outros perdem?
6. O que a "mão invisível" do mercado faz?
7. Explique as duas principais causas de falhas de mercado e dê um exemplo de cada.
8. Por que a produtividade é importante?
9. O que é inflação e quais são suas causas?
10. Como a inflação e o desemprego estão relacionados no curto prazo?

PROBLEMAS E APLICAÇÕES

1. Descreva alguns *tradeoffs* enfrentados nas seguintes situações:
 - a. Uma família ao decidir se compra um carro novo.
 - b. Um membro do Congresso ao decidir quanto gastar nos parques nacionais.
 - c. O presidente de uma empresa ao decidir se abre uma nova fábrica.
 - d. Um professor ao decidir o quanto preparar para uma aula.
 - e. Um recém-formado ao decidir se cursa pós-graduação.
2. Você está tentando decidir se tira férias ou não. A maioria dos custos (passagem aérea, hotel, rendimentos que deixam de ser ganhos) se mede em dólares, mas os benefícios são psicológicos. Como se pode comparar os benefícios com os custos?
3. Você pretendia passar o sábado trabalhando, mas um amigo o convida para jogar futebol. Qual é o verdadeiro custo de ir jogar futebol? Agora suponha que você planeje passar o dia estudando. Nesse caso, qual é o custo de ir jogar futebol? Explique.
4. Você ganha \$ 500 em um bolão de basquete. Você pode escolher entre gastar o dinheiro agora e guardá-lo por um ano, depositando em uma conta de poupança que paga juros de 2%. Qual é o custo de oportunidade de gastar os \$ 500 agora?
5. A empresa que você administra investiu \$ 5 milhões no desenvolvimento de um novo produto, mas ele

- ainda não foi concluído. Em recente reunião, seu pessoal de vendas relatou que a introdução de produtos concorrentes reduziu o volume previsto de vendas de seu novo produto para \$ 3 milhões. Se o custo de completar o desenvolvimento e fazer o produto fosse \$ 3 milhões, valeria a pena gastar esse dinheiro? Qual é o valor máximo que você deveria pagar para concluir o desenvolvimento?
6. A Previdência Social paga aposentadoria para pessoas acima de 65 anos. Se o beneficiário da Previdência Social decidir trabalhar e ganhar alguma renda, a quantia que ele receberá nos benefícios da Previdência Social será normalmente reduzida.
 - a. Como a provisão da Previdência Social afeta o incentivo para as pessoas economizarem enquanto trabalham?
 - b. Como a redução dos benefícios associada a ganhos mais altos afeta o incentivo para as pessoas trabalharem depois dos 65 anos?
 7. Um projeto de lei de 1996, que reformulou programas antipobreza do governo federal limitou muitos beneficiários a apenas dois anos de benefícios.
 - a. Como isso afeta os incentivos ao trabalho?
 - b. Como isso poderia representar um *tradeoff* entre igualdade e eficiência?
 8. Seu colega de quarto cozinha melhor que você, no entanto você é mais rápido na faxina. Se seu colega sempre cozinhasse e você sempre fizesse a limpeza, essas tarefas levariam mais ou menos tempo do que se fossem divididas por igual entre vocês? Dê um exemplo semelhante de como a especialização e o comércio podem beneficiar dois países.
 9. Explique se cada uma das seguintes atividades do governo é motivada pela preocupação com a igualdade ou com a eficiência. Quando a preocupação for com a eficiência, discuta o tipo de falha de mercado em questão.
 - a. Regulamentação dos preços de TV a cabo.
 - b. Dar às pessoas pobres tíquetes que podem ser usados para comprar comida.
 - c. Proibir que as pessoas fumem em locais públicos.
 - d. Dividir a Standard Oil (que já possuiu 90% de todas as refinarias de petróleo) em várias pequenas empresas.
 - e. Aumentar as alíquotas do imposto de renda das pessoas com renda elevada.
 - f. Aprovação de leis para punir quem dirigir alcoolizado ou sob efeito de drogas.
 10. Discuta cada uma das afirmativas a seguir do ponto de vista da igualdade e da eficiência.
 - a. “É preciso garantir a todos os membros da sociedade o melhor atendimento médico possível.”
 - b. “Os trabalhadores que são demitidos deveriam estar qualificados a receber os benefícios do seguro-desemprego até que encontrassem trabalho.”
 11. De que maneira seu padrão de vida é diferente do de seus pais ou avós quando tinham sua idade? O que causou essas mudanças?
 12. Suponhamos que os norte-americanos decidam poupar uma parte maior da renda que recebem. Se os bancos emprestarem essa poupança extra para as empresas, que empregam esses fundos para construir novas fábricas, como esse aumento de poupança poderá levar a um crescimento rápido da produtividade? Quem se beneficiará da maior produtividade? A sociedade terá um “almoço gratuito”?
 13. Em 2010, o presidente Barack Obama e o Congresso promulgaram um projeto de lei de reforma na assistência médica dos Estados Unidos. Os objetivos do projeto de lei eram fornecer seguros-saúde a mais norte-americanos (por meio de subsídios para famílias de menor renda financiados por impostos ou famílias de maior renda) e reduzir o custo da assistência médica (por meio de diversas reformas em como a assistência médica é prestada).
 - a. Como esses objetivos estão relacionados à igualdade e eficiência?
 - b. Como a reforma na assistência médica pode aumentar a produtividade nos Estados Unidos?
 - c. Como a reforma na assistência médica pode reduzir a produtividade nos Estados Unidos?
 14. Quando os países estão em guerra, dificilmente eles conseguem angariar receita fiscal suficiente para financiar completamente os esforços da guerra. Para compensar a diferença, os países em guerra optam por emitir mais moeda. Às vezes, o ato de emitir mais moeda para cobrir despesas é denominado “imposto inflacionário”. Quem paga a conta quando mais moeda é emitida? Por quê?
 15. Imagine que você é um formulador de políticas ao tentar decidir se deve ou não reduzir a taxa de inflação. Para tomar uma decisão inteligente, o que você precisaria saber sobre inflação, desemprego e *tradeoff* entre eles?
 16. Um formulador de políticas está decidindo como financiar a construção de um novo aeroporto. Ele pode financiá-la aumentando os impostos dos cidadãos ou emitindo mais moeda. Quais são algumas das consequências de curto e longo prazos para cada opção?